

Ministério da Cultura e Shell apresentam:



11^o festival de
 **música erudita**
 **do espírito santo**





Retire seu ingresso com **uma semana de antecedência** nas bilheterias.

Retirada de ingressos de **terça a sábado, das 14h às 18h**. Sujeito à lotação.

TEATRO SESC GLÓRIA

Av. Jerônimo Monteiro, 428 – Centro
Vitória (ES)

Tel.: (27) 3232-4750

Entrada gratuita | 652 lugares

CASA DA MÚSICA SÔNIA CABRAL

Praça João Clímaco, s/n – Centro
Vitória (ES)

Tel.: (27) 3132-8399

Entrada gratuita | 230 lugares

Acesse a programação completa e assista à transmissão online em:

[FESTIVALDEMUSICAERUDITA.COM.BR](https://www.festivaldemusicaerudita.com.br)



[/festivaldemusicaerudita](https://www.facebook.com/festivaldemusicaerudita)



[/festivaldemusica](https://www.youtube.com/festivaldemusica)



“ Como é por dentro outra pessoa?
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.
Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.



FERNANDO PESSOA

COMO É
POR DENTRO
UMA PESSOA
PESSOA
PESSOA
PESSOA
PESSOA
PESSOA

ÍNDICE

Editorial do patrocinador	6
Homenagem	7
O Festival	8
Edições Anteriores	8
Editorial da Curadoria	11
Quem somos	14
Sustentabilidade	17

Programação Completa

Ópera CONTOS DE JÚLIA		
03/11, ÀS 20H, E 05/11, ÀS 18H	TEATRO SESC GLÓRIA	20

Concerto ORQUESTRA JOVEM VALE MÚSICA		
10/11, ÀS 20H	CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL	29

Piano Solo APENAS EU OUÇO ESTA MELODIA?		
11/11, ÀS 20H	CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL	30

Barítono, trompa e piano A ALMA É PROFUNDA COMO OS RIOS		
17/11, ÀS 20H	CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL	31

Soprano e piano SONHO DE EXISTIR, ILUSÃO DE AMAR		
18/11, ÀS 20H	CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL	37

Quarteto de cordas de harpa ÁVIDOS DE TER, CAMINHAM PELAS RUAS		
24/11, ÀS 20H	CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL	42

Concerto CONCERTO DE ENCERRAMENTO		
05/11, ÀS 20H	TEATRO SESC GLÓRIA	44

ÍNDICE

Concertos Itinerantes

ÁVIDOS DE TER, CAMINHAM PELAS RUAS _____ 49

12/11, ÀS 10H PRAÇA DOS NAMORADOS

13/11, ÀS 14H CENTRO DE CONVIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE

15/11, ÀS 10H ARCO DA PRAIA DE VILA VELHA

19/11, ÀS 09H IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Ópera nos Bairros

ONHEAMA, A INFÂNCIA DE UM GUERREIRO _____ 50

17/11, ÀS 10H ESCOLA VEREADOR LEANDRO ZINGER

20/11, ÀS 13H30 EMEF GUIMARÃES COSTA

21/11, ÀS 16H QUADRA UBIRAJARA FRAGA

22/11, ÀS 16H EMEF ÉBER LOUZADA

23/11, ÀS 16H30 QUILOMBO GRAÚNA

24/11, ÀS 16H30 QUILOMBO BOA ESPERANÇA E CACIMBINHA

Projetos Socioeducativos _____ 51

Artistas _____ 52

Ficha Técnica do Festival _____ 64

Agradecimentos _____ 65



EDITORIAL DO PATROCINADOR

Ao longo dos 110 anos de trajetória no Brasil, a Shell vem se transformando numa empresa de energia integrada com participação em Upstream, no Novo Mercado de Gás Natural, Trading, Pesquisa & Desenvolvimento e no Desenvolvimento de Energias Renováveis, com um negócio de comercialização no mercado livre e produtos ambientais, a Shell Energy Brasil. Aqui, a distribuição de combustíveis é gerenciada pela joint-venture Raízen.

No entanto, a energia que impulsiona a Shell não vem apenas dos recursos naturais, mas também das pessoas. Ao longo de sua história, sempre acreditamos e apoiamos a sociedade brasileira, valorizando a sua diversidade e impulsionando a cultura, o empreendedorismo e a educação. Afinal, a verdadeira riqueza do país reside em suas pessoas e nas potencialidades que elas carregam.

Sendo assim, temos a honra de ser a patrocinadora master do 11º Festival de Música Erudita do Espírito Santo. A Shell, assim como o Festival, acredita no poder da música como ferramenta de transformação, inclusão e de aprendizado para o desenvolvimento individual e coletivo.

VIDA LONGA AO FESTIVAL!

HOMENAGEM

Marisa Rezende

Compositora e pianista, Marisa Rezende tem uma das mais importantes trajetórias no cenário da criação musical brasileira das últimas décadas. Não apenas pelas suas obras, que revelam uma força criativa ímpar, mas também pelo trabalho no fomento à música nova e por sua atividade pedagógica. Foi, durante dez anos, professora de matérias teóricas na Universidade Federal de Pernambuco e, entre 1987 e 2002, atuou como professora titular de composição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde formou um número expressivo de novos compositores. Coordenou, nessa mesma instituição, o Grupo Música Nova, responsável por mais de cem estreias de música contemporânea brasileira. De seu catálogo de obras, destaca-se a produção camerista e orquestral, executada por orquestras como a Sinfônica Brasileira, Sinfônica do Estado de São Paulo, Sinfônica da USP, Sinfônica de Pernambuco, Sinfônica da Paraíba e Filarmônica de Minas Gerais, entre outras. Escreveu obras, também, para projetos como a Bienal de Música Contemporânea Brasileira, da Funarte, e o Festival Música Nova. Em 2022, escreveu Devaneio, como encomenda para a Orquestra Jovem Vale Música, estreada no Festival de Música Erudita do Espírito Santo.



Camerata Sesi

OSesi começou sua história no Espírito Santo em 1951 e, desde então, continua trabalhando na promoção de projetos de educação, saúde e segurança, responsabilidade social e cultura para a indústria capixaba, atuando a partir de suas 12 unidades operacionais, 8 unidades de saúde e 3 teatros. Chegando aos dias atuais, foi criada a Orquestra Camerata Sesi, que já atingiu mais de 300 mil espectadores em mais de mil apresentações realizadas ao longo de mais de uma década, sendo famosa por inovar no formato, com fusões de gêneros musicais eruditos e populares. Com um corpo musical de altíssima linha, a orquestra vem fazendo apresentações para trabalhadores da indústria capixaba em todo o estado, em projetos sociais diversos e até mesmo em fábricas, além de ter inovado – mais uma vez – ao promover a aproximação com o público infantil por meio da série “Concertos Didáticos” e do projeto “Sesi Música Clássica na Escola”. Em 2019, essa trajetória bem-sucedida atingiu um de seus pontos mais altos, com a apresentação, a convite, em um dos palcos mais renomados do país: a Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro. Com a reforma do Teatro Sesi de Jardim da Penha, a Findes e o Sesi reafirmam o seu compromisso de ser um agente transformador para os profissionais da Indústria, nossos alunos e, por que não, toda a sociedade capixaba.

O FESTIVAL

É com muita alegria que o **Festival de Música Erudita do Espírito Santo anuncia a sua 11ª edição**, que se caracteriza tanto pela consolidação de projetos desenvolvidos nos últimos anos, como pelo estabelecimento de novas colaborações artísticas.

Além da série de concertos e espetáculos, o Festival de 2023 realizará, pela primeira vez em uma única edição, um conjunto de cinco iniciativas voltadas ao gênero operístico: o **4º VOE (Vitória Ópera Estúdio)**, o **4º Ópera nos Bairros**, o **3º Ópera-cional** (projeto de formação para técnicos do campo da ópera), o **2º Concurso de Canto Natércia Lopes** e a continuidade do projeto de encomenda e criação de novas obras em colaboração com o núcleo artístico do Festival.

Dentre as novas colaborações artísticas, destacamos a parceria com a OSES - Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, que passa a ser correalizadora em diversos projetos do Festival, e a participação do jornalista musical João

Luiz Sampaio como curador dos concertos e espetáculos desta edição.

A programação dá continuidade às diretrizes estabelecidas nos últimos anos, ao ter como enfoque a realização de obras de compositoras, a música brasileira, repertórios ainda pouco conhecidos pelo público, especialmente dos séculos XX e XXI, e a participação e divulgação de artistas capixabas.

Ao mesmo tempo, a 11ª edição traz novas abordagens e reflexões através da curadoria de Sampaio, um dos profissionais mais importantes do campo da música de concerto em nosso país, tanto por sua carreira ímpar como jornalista e crítico musical, como por sua sensibilidade aos temas sociais e incansável questionamento da função da arte lírica no mundo contemporâneo.

Livia Sabag,
diretora artística

EDIÇÕES ANTERIORES



2013

A primeira edição do Festival aconteceu de 3 a 30 de novembro de 2013, no Teatro Carlos Gomes, em Vitória, e contou com cantoras como Rosana Schiavi e Carolina Faria e o pianista Ney Fialcow. Foram 19 apresentações, com um público de aproximadamente seis mil pessoas. Desde então, o Festival tem mantido edições anuais, sempre no mês de novembro.

2014

Em 2014, Tarcísio Santório passou a dividir a direção do Festival com Natércia Lopes. Esta edição recebeu duas críticas positivas na mídia nacional - Concerto de Abertura e ópera Barbeiro de Sevilha - e ficou também marcada pela presença, pela primeira vez no Estado, da cantora brasileira Eliane Coelho.



2015

Entre os destaques da edição de 2015, houve o lançamento do livro Inventário do Acervo da Companhia de Ópera do Espírito Santo, coordenado e pesquisado pela arquivista Leila Valle e pelo próprio Tarcísio. O Festival contou ainda com as participações do pianista Christian Budu, do barítono uruguaio Alfonso Mujica e do pianista Fábio Bezuti.

2016

Em 2016, o Festival contou com a presença dos pianistas Eduardo Monteiro e Nahim Marun, do maestro Gabriel Rhein-Schirato, da encenadora Livia Sabag e da cantora Caroline de Comi, entre outros.

2017

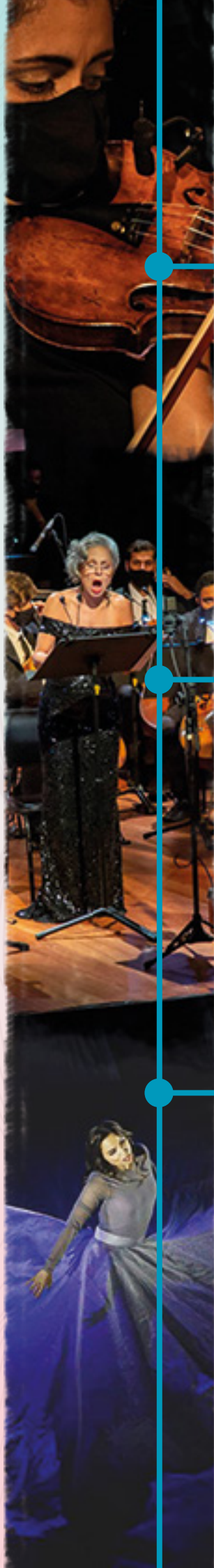
Na edição de 2017, foi destaque o Festival Itinerante nas praias, que aconteceu em escolas da rede pública de ensino e em um asilo. Outro projeto do Festival, a Mostra de Artes Visuais, teve a coordenação da artista plástica Vânia Caus. Destacamos, ainda, a presença da pianista Linda Bustani, do violonista Turíbio Santos, da soprano norte-americana Maria Russo, do pianista Fábio Bezuti e o retorno da cantora lírica brasileira Eliane Coelho.

2018

Em 2018, o Festival de Música Erudita do Espírito Santo extravasou mais uma vez o espaço do teatro, com uma programação diversificada e gratuita de música clássica e ópera na Grande Vitória, que incluiu: o circuito itinerante em escolas da rede pública de ensino, asilos, igrejas e patrimônios; a 5ª Exposição de Artes Visuais Patrimonial; uma homenagem ao maestro Roberto Duarte e ao professor capixaba Alceu Camargo; oito concertos; uma ópera brasileira encenada; e um espetáculo músico-teatral em homenagem ao Dia da Consciência Negra, dirigido pela ativista Kiusam de Oliveira.

2019

A edição de 2019 manteve a programação itinerante e realizou mais oito concertos, duas óperas encenadas e um curso de formação, totalizando 22 apresentações. O destaque naquele ano foi a Ópera Carmen, com mais de 140 artistas em palco, incluindo nomes consagrados como Luciana Bueno, Fernando Portari, Homero Velho e Gabriela Pace.



2020

A partir de 2020, o Festival teve seu projeto artístico reformulado. Passou a adotar um projeto curatorial, comandado pela premiada encenadora de ópera Livia Sabag, e inaugurou uma linguagem audiovisual de concertos transmitidos online, dirigidos pela cineasta Úrsula Dart. Com o tema “Fronteiras: interdição e permeabilidade”, a programação destacou compositores brasileiros, portugueses e latino-americanos, com ênfase em obras de compositoras. Dos 40 compositores do repertório, 22 eram mulheres. As inovações resultaram em uma indicação ao Prêmio da Revista Concerto na categoria “Reinvenção na Pandemia”.

2021

A edição de 2021 do Festival, intitulada “Poéticas de Sombra e de Luz”, refletiu sobre o papel da arte em momentos de crise, explorando as relações interpessoais e a complexidade humana. Com ênfase nos temas do amor e da morte, o repertório apresentou obras dos séculos XX e XXI e mais uma vez contou com uma forte presença de obras de compositoras, além da participação de compositores portugueses. Metade dos concertos foi realizada em formato híbrido, ampliando o alcance do Festival e contribuindo para a divulgação de um repertório pouco conhecido, bem como para a divulgação de músicos brasileiros e da cena capixaba.

2022

Em 2022, na sua 10ª edição, o Festival trouxe como inovações a encomenda de obras para a sua abertura, incluindo um ciclo de canções e uma ópera, e a expansão das ações socioeducativas, com apresentações em espaços públicos e intervenções artísticas na cidade. A programação teve como eixo central as diversas relações do homem com o tempo e percepções da própria existência humana através dessas relações. Além das obras encomendadas - o ciclo de canções *O Tempo e o Mar*, com música de Marcus Siqueira e poemas de Geraldo Carneiro, e a ópera *A Procura da Flor*, composta por André Mehmani para um libreto de Carneiro -, entre os destaques desta edição tivemos a estreia brasileira de *Dar Templo ao Tempo*, de Eurico Carrapatoso, e o retorno da Orquestra Jovem Vale Música.

EDITORIAL DA CURADORIA

A poesia de Fernando Pessoa nos questiona com seus versos: como é por dentro outra pessoa? E provoca: será possível conhecer os gestos, os olhares, as palavras de outras almas, uma vez que mesmo da nossa nada sabemos?

A relação com o outro é um dos desafios da existência. Pela necessidade de compreensão daquilo que é diferente. E pelo fato de que é por meio de nosso olhar para o mundo exterior que acessamos a dimensão daquilo que somos individualmente.

A partir de Pessoa, colocamos então outra pergunta: **como é por dentro uma pessoa?** E é esse o tema da **11ª edição do Festival de Música Erudita do Espírito Santo**, que em sua programação reflete sobre o ouvir – a nós mesmos e à diferença.

Serão sete atrações, com programas que trazem obras e artistas que representam diversidade de gêneros, culturas e orientações estéticas, incluindo a estreia de quatro obras encomendadas pelo Festival a autores e autoras brasileiras.

A primeira delas é a ópera “Contos de Júlia”, do compositor Marcus Siqueira e da libretista Veronica Stigger, que abre a programação. A obra é inspirada em textos da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que ficou à margem da história da literatura brasileira apesar de sua força criativa e do modo como deu voz a personagens femininas às voltas com a violência e o preconceito da sociedade.

O espetáculo conta com a direção musical e a regência do maestro Gabriel Rhein-Schirato, à frente da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo. A direção cênica é de Julianna Santos, e a preparação vocal é do pianista Fabio Bezuti. O elenco é formado pelas sopranos Eliane Coelho, Isabela Mestriner, Isabella Luchi e Laura Duarte, pelo baixo-barítono Stephen Bronk e por um conjunto vocal formado por Priscila Aquino e Rafael Siano, entre outros.

Vozes femininas silenciadas estão presentes também no recital em que a soprano Débora Faustino e a pianista Erika Ribeiro apresentarão “Passionis de Flamma”, ciclo de canções em que Eli-Eri Moura narra a história de três mulheres brutalmente assassinadas. Em contraste, será tocada também Femmes de Légende, de Mel Bonis, na qual cada passagem evoca uma grande personagem feminina da história da arte.

O pianista Cristian Budu participa da programação com um recital sobre a descoberta do indivíduo e seu mundo interior, que no século XIX tornou-se o filtro pelo qual o ser humano entendia a si mesmo e ao mundo à sua volta. Serão interpretadas peças de Beethoven, Fanny Mendelssohn, Clara e Robert Schumann e o Prelúdio e Morte de Isolda, de Wagner, em que o eu e o outro se dissolvem em direção à modernidade.

O português Fernando Lopes-Graça, a coreana Younghee Pagh Paan e as americanas Margareth Bonds e Margareth Brouwer foram alguns dos compositores que refletiram sobre a guerra - situação-limite da incapacidade de convergência entre diferenças – mas também sobre a resiliência de culturas e histórias ameaçadas de aniquilação.

Suas obras estarão no recital que vai reunir o barítono Homero Velho, a pianista Priscila Bomfim e a trompista Uriel Borges e terá ainda a estreia de outra encomenda do festival, “Manadas abrem com fogos os caminhos”, que Leonardo Martinelli escreveu a partir de texto da poeta brasileira Júlia Hansen.

A cidade é o espaço do encontro com o outro. Mas o quanto, de fato, olhamos aqueles que dividem conosco esse espaço? No concerto do Quarteto Bratya com a harpista Maíni Moreno, obras de autoras como a iraniana Niloufar Nourbakhsh, a chinesa Joyce Tang e a francesa Lili Boulanger se somam à estreia de “Poço de dentro”, escrita pela brasileira Thais Montanari, para propor um momento de parada – e um convite para que olhemos o mundo à nossa volta e as histórias de vida que o compõem. Não por acaso, o programa vai circular por quatro diferentes espaços da Grande Vitória.

O Festival também volta a contar com a participação da Orquestra Jovem Vale Música, em um concerto dedicado aos pequenos “outros”, às crianças, evocando a infância e o diálogo entre a música clássica e as manifestações regionais. Entre os destaques do programa estão a “Suíte Infância Brasileira”, de Elodie Bouny, e as “Invenções brasileiras nº 2”, que Juliana Ripke escreveu a convite do evento.

É pensando também no público infantojuvenil que uma versão para marionetes da ópera Onheama, de João Guilherme Ripper, inspirada em lendas amazônicas, será apresentada em escolas e comunidades quilombolas do Espírito Santo, em mais uma das iniciativas de circulação e itinerância tão caras à história do Festival.

Por fim, o concerto de encerramento conta com a presença da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, que irá se apresentar sob regência do maestro Helder Trefzger e ao lado dos vencedores do II Concurso de Canto Natércia Lopes, que homenageia esta importante figura da vida musical capixaba.

Um bom festival a todos!

João Luiz Sampaio,
curador da edição 2023

A Shell acredita na energia
que vem da música.



Shell patrocinadora master do
11º Festival de Música Erudita do Espírito Santo.

QUEM SOMOS



COES
Cia de Ópera do
Espírito Santo

A Companhia de Ópera do Espírito Santo (COES) é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 10 de janeiro de 2011 por Tarcísio Santório, hoje seu diretor-presidente.

O projeto da Companhia foi elaborado e concretizado a partir de resultados de pesquisas acadêmicas e estudos sobre o mercado de trabalho de artistas e técnicos do campo da cultura formados ou residentes no Espírito Santo.

A COES tem como principal objetivo atuar na área de gestão cultural, visando à democratização da cultura através da criação, divulgação, produção, difusão e preservação de projetos culturais. Além disso, tem como objetivo fortalecer as várias linguagens culturais, assim como conscientizar artistas, produtores, gestores públicos, agentes culturais e a comunidade sobre a importância da cultura operística como possibilidade de desenvolvimento humano, cultural e econômico.

Tarcísio Santório

Direção Geral

Administrador, profissional de marketing, contabilista, organizador, projetista e produtor. Inteirado com as transformações do mercado e ciente da importância da valorização da cultura, o capixaba Tarcísio Santório, além de organizar e colocar em prática sonhos de pessoas, revela-se um projetista cultural sensível e dinâmico, com domínio dos seus recursos, produzindo projetos criativos, com alta valorização social e, ao mesmo tempo, cultural. Traz na bagagem eventos realizados para empresas com credibilidade no mercado nacional e internacional, entre eles o Festival de Música Erudita do Espírito Santo e o Natal de Encantos. Atualmente, além de gestor da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo, exerce o cargo de presidente da Companhia de Ópera do Espírito Santo. Foi um dos diretores-fundadores do Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto e membro por dois mandatos do Conselho Estadual de Cultura (Câmara de Artes Musicais). Em 2015, lançou, em parceria com a arquivista Leila Valle, o livro Inventário do Acervo da Companhia de Ópera do Espírito Santo - As Óperas Encenadas no Espírito Santo - e, em 2020, Memórias da Serra, em parceria com a jornalista Carol Veiga.





Natércia Lopes

Direção Executiva

Cantora lírica capixaba de maior expressão. Bacharel em História pela UFES e Canto pela EMES, Natércia Lopes aperfeiçoou-se no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Na Itália, estudou no Teatro Alla Scala, em Milão, com os renomados maestros Romano Gandolfi, Carlo Camerini e Otello Borgonovo. Em Siena, estudou na Accademia Chigiana com o prestigiado maestro Giorgio Favaretto. Cantou na Polônia, França e Portugal. No Brasil, cantou em alguns dos principais teatros brasileiros, como o Theatro Municipal de São Paulo, a Sala Cecília Meireles, o Palácio das Artes e o Teatro Guaíra. Foi diretora da FAMES e coordenadora de Cultura da UFES. Atuou como diretora artística do Festival de Música Erudita do Espírito Santo de 2014 a 2021. Em 2021, foi imortalizada pela Academia de Música do Brasil.

Livia Sabag

Direção Artística

Apaulistana Livia Sabag é formada em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Desde sua estreia como encenadora de ópera em 2003, conta com diversos espetáculos premiados - como L'Italiana in Algeri, de Rossini, eleita a melhor montagem de ópera de 2019 pelo júri do Guia da Folha de São Paulo, e Salomé, de R. Strauss, vencedora do Prêmio Concerto 2014 na categoria ópera, e eleita a melhor montagem de ópera pelo júri especializado da Folha de São Paulo. Em 2011, encenou a produção L'Enfant et les Sortilèges, de Ravel, premiada 6 vezes no XV Prêmio Carlos Gomes.

Em 2022, colaborou na criação e assinou a direção cênica de duas estreias de obras brasileiras: a ópera A Procura de Flor, de André Mehmari, com libreto de Geraldo Carneiro, e a ópera O Canto do Cisne, de Leonardo Martinelli. Em seus anos de carreira, encenou Elektra, de R. Strauss (2016), Le nozze di Figaro, de Mozart (2015), The Turn of the Screw, de Britten, Madama Butterfly, de Puccini (2013), e O Rouxinol, de Stravinsky, entre outras.

Foi idealizadora e curadora da Academia de Ópera 2021, da Fundação Clóvis Salgado, em 2021. E, em 2022, assumiu a direção artística do Festival de Música Erudita do Espírito Santo, onde atuou como curadora entre 2020 e 2021.





João Luiz Sampaio

Curadoria da 11ª edição

João Luiz Sampaio é jornalista, escritor e crítico musical, editor-executivo da Revista CONCERTO e crítico do jornal O Estado de S. Paulo, onde foi editor dos suplementos literários “Cultura” e “Sabático” e do “Caderno 2”.

É autor, entre outros livros, de Ópera à Brasileira e de biografias do violoncelista Antonio Meneses, da pianista Guiomar Novaes e do compositor Claudio Santoro. Escreveu o libreto das óperas Canções do Mendigo e Três Minutos de Sol, ambas com música de Leonardo Martinelli. Atuou como orientador no Ateliê de Criação: Dramaturgia e Processos Criativos, do Palácio das Artes de Belo Horizonte, e é professor do Atelier de Criação de Óperas do Theatro São Pedro, em São Paulo. Suas peças A Confissão e Tosca foram apresentadas no Festival Satyrionas. Já realizou curadorias de séries de concertos dedicadas à ópera e à música contemporânea, em instituições como a CPFL Cultura e o Sesc

Gabriel Rhein-Schirato

Assessoria Musical
e Supervisão de
Criação da Ópera

Gabriel é graduado em piano e regência na Universidade de São Paulo (USP), com especialização e pós-graduação na Alemanha. Nos últimos anos, vem se firmando como um dos profissionais mais importantes do campo da ópera no Brasil, participando de montagens de grandes teatros como o Teatro da Paz, de Belém, e o Palácio das Artes, de Belo Horizonte, além de colaborar com projetos de formação de artistas e com a criação de novas óperas.



Guilhermina Lopes

Assistente de curadoria
e direção artística

Guilhermina Lopes é doutora em Música pela UNICAMP, com pós-doutorado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Seu foco de pesquisa são as relações musicais luso-brasileiras, especialmente a produção e trajetória do músico português Fernando Lopes-Graça (1906-1994). Realizou dois estágios de pesquisa no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa (2015-2016 e 2022) e foi bolsista do programa Cátedra Cascais Interartes, da Fundação D. Luís I – Portugal, em 2019. Atua, também, como cantora, tendo realizado recitais no Brasil e em Portugal, dedicados sobretudo à canção de câmara em língua portuguesa.

SUSTENTABILIDADE

Evento Carbono Zero

A realização do 11º Festival de Música Erudita do Espírito Santo envolve 50 dias de evento, 22 dias de apresentação, 8 dias para desmontagem, 180 músicos e cerca de 100 pessoas atuando na organização. Toda essa movimentação gera emissões de gases de efeito estufa (GEE) decorrentes, principalmente, da montagem e transporte do staff e dos músicos.

Para mitigar esse impacto, nesta edição nossas emissões de GEE serão devidamente contabilizadas e compensadas por meio do apoio a um projeto de preservação ambiental certificado para negociação em mercados de carbono.

O mapeamento prévio de impactos já garantiu ao Festival o Selo Evento Neutro. O projeto escolhido para compensar as emissões foi o Terrus Carbon Coffee, realizado em fazendas produtoras de café em Minas Gerais, que promove a agricultura regenerativa e contribui para a preservação do carbono no solo. Este é o primeiro projeto brasileiro de agricultura regenerativa auditado com o padrão Carbon Fair Standard.



Nossa contribuição para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Ano após ano, o Festival de Música Erudita do Espírito Santo tem proporcionado e expandido uma série de projetos que enfocam obras de compositoras e o repertório brasileiro, que fomentam a criação e a inovação artística e promovem a formação e especialização profissional, entre outras iniciativas que buscam, sobretudo, estabelecer pontes e diálogos entre pessoas, entre culturas e entre o nosso Festival e a sociedade.

Além de impulsionar a presença feminina nos palcos e de fomentar a produção cultural brasileira, assumimos o compromisso de levar a música erudita para as ruas de Vitória, asilos, escolas e comunidades indígenas, tornando a arte acessível para todos.

Desenvolvemos, ainda, projetos de formação profissional para artistas e técnicos que desejam atuar em produções operísticas. Dessa forma, contribuímos para os seguintes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):



Algumas oportunidades vêm escritas em forma de partitura.

O Instituto Cultural Vale acredita no poder da música em promover novas oportunidades para as pessoas. Por isso, apoiamos iniciativas que oferecem formação de professores e estudantes, programas de educação musical, orquestras e apresentações musicais em todo o Brasil.

Onde tem Cultura, a Vale está.



PROGRAMAÇÃO COMPLETA



Ópera

CONTOS DE JÚLIA

03/11, ÀS 20H E 05/11, ÀS 18H TEATRO SESC GLÓRIA

Ato I:

Umbelina: Isabela Mestriner

Quarteto: Laura Duarte, Priscila Aquino, Vinícius Cestari, Rafael Siano

Ato II:

Dr. Seabra: Stephen Bronk

Laura: Laura Duarte

Quarteto: Isabella Luchi, Priscila Aquino, Vinícius Cestari, Rafael Siano

Ato III:

Serafina: Eliane Coelho

Condessa: Isabella Luchi

Quarteto: Isabela Mestriner, Priscila Aquino, Vinícius Cestari, Rafael Siano

Composição: Marcus Siqueira

Libreto: Veronica Stigger

Direção musical:

Regência:

Gabriel Rhein-Schirato

Assistente de regência:

Belquior Guerrero

Preparador vocal de Elenco:

Fábio Bezuti

Direção cênica:

Diretora Cênica: Julianna Santos

Assistente de direção cênica

e direção de palco: Helen Ferla

Iluminação:

Designer de luz:

Fábio Retti

Caracterização:

Visagista: David Scardua

Cenografia:

Cenógrafa: Daniela Gogoni

Cenotécnico: André Estefson

Marcenaria: Guerra

Contrarregra: Eduardo

Guimarães e Raul Oliveira

Figurino:

Figurinista:

Fábio Namatame

Assistente de figurino:

Neto Silva

Orquestra Sinfônica do Espírito Santo:

Flautim: Lucas Rodrigues

Flauta em Dó: Danilo Klein

Oboé I: Jonathan Yoshikawa

Oboé II: Natália Maria

Clarineta Sib: Cristiano Costa

Clarone: Rafael Cláudio

Fagote: Deyvisson Vasconcelos

Contrafagote: Felipe Reis

Trompas: Alan Vinícius de Souza, Jdiordy Lucca, Guilherme Catão e Ury Vieira

Trompetes: Anderson Ferreira da Silva, Mizael de Andrade, Renan Sena

Trombones: Luiz Monteiro, Ricley Ribeiro e Jorge Luiz de Melo

Tuba: Deivid Peleje

Percussionistas: Cristiano Charles, Daniel Lima, Gabriel Novais e Léo de Paula

Harpa: Maíni Moreno

Violino I: Diego Adinolfi, Oscar Orjuela, Jacqueline Lima, Emily Cristina, Elton Reis e Wellington Rodrigues

Violino II: Dennys Serafim, Felipe Ribeiro, Kedma Johnson, Gabriel Alomba e Lucas Rodrigues

Viola: Rodney Silveira, Daniel Amaral, Ernesto Peña e Rafael Nunes

Violoncelo: Jonathan Azevedo, Liana Meirelles, Christian Munawek e Felipe De Luna

Contrabaixos: Leandro Nery, Rodrigo Olivárez e Jean Almeida



Sobre o espetáculo

A ópera *Contos de Júlia* é resultado de uma encomenda feita pelo Festival ao compositor Marcus Siqueira e à escritora Veronica Stigger, tendo como ponto de partida o universo literário da autora realista brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934).

Nascida no Rio de Janeiro, de pais portugueses, Lopes de Almeida começou sua carreira na imprensa, escrevendo em publicações como “A Gazeta de Campinas”, “O Paiz” e “A Semana”. Já no início dos anos 1880, seus textos defendiam a abolição da escravidão, a Proclamação da República e o fim das desigualdades sociais e de gênero.

Ao mesmo tempo, ela trabalhou na criação de sua obra ficcional, peças de teatro, contos e romances que a colocariam como “principal representante literária dos primeiros anos do século XX”, “no mesmo patamar de Guy de Maupassant e Machado de Assis”, nas palavras do crítico brasileiro José Veríssimo, seu contemporâneo.

A casa de Lopes de Almeida e seu marido, o escritor português Francisco Filinto de Almeida, tornou-se, na passagem do século XIX para o século XX, ponto de encontro de artistas e intelectuais do Rio de Janeiro. A escritora participou ativamente dos debates que levaram à criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Seu nome chegou a ser incluído na lista prévia de integrantes da instituição, mas acabou substituído pelo de seu marido sob a justificativa de que a Academia Francesa, modelo para a ABL, não consentia a presença de mulheres em seus quadros.

Para construir o libreto de *Contos de Júlia*, Verônica Stigger escolheu três narrativas curtas da coletânea “Ânsia Eterna”, publicada originalmente em 1903. Cada história deu origem a uma das partes da ópera. Em *Os Porcos*, Lopes de Almeida nos fala de Umbelina, que, após engravidar do filho do dono da fazenda em que trabalha, é ameaçada pelo próprio pai, que promete entregar seu bebê aos porcos como comida. Em *In Extremis*, na ópera rebatizada de *Os moços*, acompanhamos a história de Laura e seu envolvimento com Bruno, à beira da morte, em meio a silêncios e não-ditos. E *Os Cisnes* nos apresenta a figura misteriosa de Serafina, cuja tragédia logo conheceremos.

Ainda que independentes, as histórias possuem importantes pontos de contato, trabalhados no texto e na música por Stigger e Siqueira. Entre eles estão a maternidade, o desejo, a morte, a loucura e o lugar da mulher em uma sociedade marcada pelo machismo, representada pelo quarteto vocal presente no palco ao longo de toda a ópera.

São narrativas fortes, nas quais o social é um elemento importante, mas não o único, a contribuir com a profundidade na construção de personagens, o que revela a força criativa de Júlia Lopes de Almeida e reforça a necessidade de um processo amplo de resgate de sua vida e obra.

Libreto

Ato I – Os porcos

Cena 1

Umbelina está sentada na soleira da porta, penteando os cabelos. De vez em quando, olha para um canto com ar preocupado, como se temesse a chegada de alguém indesejado. De repente, levanta-se, assustada, e coloca a mão na barriga. Ela está grávida.

Umbelina

Os porcos! Esses porcos malditos
Esses porcos malditos que rodeiam minha
casa da manhã à noite!
Esses porcos imundos, porcos de corpos
imundos
banhas caídas, olhar guloso!
Esses porcos malditos que chegam
grunhindo,
que chegam babando, sem aviso
se esfregando na barra do meu vestido!
Meu pai! Não vai dar o meu filho
a esses porcos!
Meu pai não vai dar o meu filho
para que eles o comam.
Como fizeram com a filha de outra.
(*Chorosa.*)
Do bebê, só lhe sobrou o bracinho
nu, solto, frio, resto
de um banquete delicado,

que a voracidade
esqueceu por cansaço
ou enfartamento. (*respiro fundo*)
(*Raivosa.*)
Não! Não! Não vai dar meu filho
a esses porcos malditos!
Barulhentos; peles douradas de milho.
Que fazem desaparecer tudo diante da gula
de seus focinhos rombudos e ávidos.
Que se arrastam na lama e não temem
nada, nem ninguém. Não! Meu pai
não vai dar meu filho aos porcos!
Eu mesma darei um fim a meu filho.

Coro de porcos

O caminho, o caminho ...
O caminho!

Umbelina

Posso matá-lo, esmagá-lo,

Coro de porcos

O caminho!

Umbelina

mas lançá-lo a esses porcos malditos...
malditos ... ah, nunca!

Cena 2

É madrugada e Umbelina está no terreiro da casa paterna. O céu está limpo e vê-se a lua muito grande e muito forte.

Umbelina

O pai do meu filho
é o filho do patrão.
Eu sou só a cabocla
bonita,
que se enfeita de
maravilhas vermelhas.
Sou a que se deita
com o filho do patrão.
Sou abandonada.
Deixada do lado
de fora.

Ela tira o xale que lhe protege a cabeça e olha para o céu.

Deus! Onde estás?
É este o meu destino?
Matar a fome destes porcos?

Coro de porcos

Aqui é o caminho ...

Umbelina se contrai, sentindo as dores do parto. Caminha, arrastando o xale pelo chão. Quanto mais dor sente, mais forte segura o xale com a mão e mais difícil se torna a caminhada. Ela para de vez em quando a fim de juntar forças para continuar.

Umbelina

Não! Vocês que riram de mim,
que me renegaram, que me bateram,
me largaram na rua...
como uma cadela sem dono
Sobre todos vocês cairá a cólera divina!
Vou ter essa criança na porta do pai.

Coro de porcos

É o caminho dos mortos

Umbelina

Vou matá-la ali, nos degraus de pedra...
Vou deixar a criança viver alguns minutos.
Vou deixar a criança até mesmo chorar.
E o pai lá dentro, lá dentro, ouvirá os gritos
débeis e terá na memória,
como um remorso.

Coro de porcos

Na pele da criança é sempre o pai contra
a mãe.

*Uma dor lancinante faz seu corpo dobrar.
Ela cai no chão, contorce-se e, depois,
levanta-se novamente.*

Umbelina

Vamos! Levante este ventre pesado!

*Umbelina segue sua caminhada em
direção à casa do amante. Seus passos são
oscilantes. Ela acaba caindo de joelhos.
Quer se erguer, mas não consegue.
Grita de dor.*

Aaaaaaaaahhhhhhhhhhhhh!

*A criança nasce. Umbelina pega o bebê
no colo, evitando olhar para ele: não
quer amá-lo. Entra o Coro de Porcos e se*

*posiciona a certa distância dela. Umbelina
não percebe a entrada do coro. Depois de
alguma resistência em ver o filho, ela enfim
olha para o bebê.*

Umbelina

Oh! Como é branco!
Como é bonito!

*Umbelina beija o bebê. [Ele chora.]
Umbelina dá de mamar ao bebê.*

Coro de porcos

A beleza é já o início do terror.
Na cara da criança, é sempre pai contra mãe.
Na pele da criança, é sempre pai contra mãe.
Na sina da criança, é sempre pai contra mãe.
No país da criança, é sempre pai contra mãe.

*Umbelina então se levanta com dificuldade
e tenta caminhar em direção ao local onde
se encontra o Coro de Porcos. Ela parece
não vê-los, nem ouvi-los.*

Coro de porcos

Aqui é o caminho
é o caminho dos porcos.
é o caminho dos mortos.
é o caminho dos porcos.

Umbelina

Não! Não !

Umbelina morre.

Coro de porcos

A beleza é o início do terror.
Na cara, na pele, Na sina ... é sempre pai
contra a mãe.

Ato II – Os moços

Cena 1

*Laura está em pé diante de um espelho,
na frente do qual há uma mesinha com
produtos de toalete e um ramo de rosas. Ela
termina de se arrumar para sair. O Doutor
Seabra entra e, antes de se dirigir a ela,
para um instante para admirá-la.*

Doutor Seabra

O dia está esplêndido!
As corridas serão animadas.
Levamos a nossa pequenina?

Laura

Mamãe toma conta dela.
Sabes? Estou com tanto leite!
Temo manchar o vestido.

Laura volta a se arrumar diante do espelho.
Doutor Seabra aproxima-se da esposa e contempla-a através do espelho, com olhar perscrutador e vigilante.

Doutor Seabra

(Sussurrante)

Linda! Laura! Linda Laura! Linda Laura!

Laura sorri contente enquanto termina sua toalete. Retira o excesso de maquiagem com um pompom. Não percebe – ou finge não perceber – o olhar do marido.

Doutor Seabra

Escuta, deveríamos antes ver o Bruno Tavares...

Sem se voltar para o marido, Laura estremece e interrompe seus movimentos à espera de que ele conclua. O Doutor Seabra, sempre a observando através do reflexo no espelho, nota que a esposa ficou abalada com a notícia. Ela então o olha, também através do espelho.

Doutor Seabra

O Bruno está definhando...

Laura dá uns passos para o lado em direção à boca de cena, saindo da frente do espelho, mas permanecendo de costas para o marido, sem a possibilidade agora de vê-lo ou de ser vista através do reflexo. Ela está trêmula e agitada. Seu olhar tem uma expressão inquietada. Junta as mãos na altura do peito, como se fosse rezar. O Doutor Seabra, mantendo-se no mesmo lugar, baixa os olhos, entristecido.

Doutor Seabra

É amiga da família,
poderia fazer uma visita.

O Doutor Seabra aproxima-se de Laura, hesitante. Pára a cerca de um metro de distância dela e chega a esticar o braço em sua direção, quase tocando suas costas. Mas desiste, baixando o braço e a cabeça. Laura, que está com o olhar perdido em algum ponto além da plateia, a respiração ofegante e as mãos apertadas diante do peito, não percebe a aproximação do

marido. O Doutor Seabra, ainda cabisbaixo, recua alguns passos; agora, com as mãos às costas. Laura caminha em direção ao canto esquerdo da boca de cena, sempre olhando para algum ponto perdido além da plateia. Ela dá as costas ao marido. O Doutor Seabra permanece no mesmo lugar, de cabeça e olhos baixos.

Laura

Sorri o sol,
iluminando o dia.
Ouço nas ruas
o rumor de um
domingo vivo
Ah! Meu caro,
Bruno! Não... Não!

Voz feminina

Não ousou dizer
meu amor.

Quantas vezes ficamos juntos
ternos e mudos,
enquanto falávamos de poemas,
luar e música, de aves, estrelas, amores,
de tudo que
brilha,
alegra,
entusiasma.

Doutor Seabra

Laura ama Bruno, eu sei.
Pobre amante virtuosa,
sonhadora e casta.
É para o outro.
Sua graça, perfume,
gentileza!
Eu sei, é para o outro,
... pensamento,
vontade,
alegria!

Bruno não se declarou, eu sei,
mas o que os lábios calam
dizem o olhar apaixonado,
a pele moça,
o som de sua voz jovem.

É para o outro. Eu sei!
Toda doçura do ramo de rosas,
do mimo das rendas finas,

do brilho de sua veste primaveril!
É para o outro, eu sei,
toda a sua beleza!

Coro de porcos

Para o doutor, só a morte, bendita, poderia
cortar aquele amor nascente!

(Sussurrando)

A morte do rapaz era um alívio para o doutor.
Morte, morte, morte ...

*Enquanto o coro canta, Doutor Seabra
e Laura, aos poucos, recuam, até se
encontrarem no centro do palco,
de costas um para o outro.*

Laura

O Bruno é um sonhador...
de uma imaginação ardente...
irradiante...

Doutor Seabra

Já me avizinho da velhice...
Sou doutor descrente ...
Não encanto ninguém ...

*O Doutor Seabra se vira de frente para
Laura, mas ela permanece de costas
para ele, de cabeça baixa, com as mãos
apertadas, em sofrimento. Ele a olha com
ternura.*

*O Doutor Seabra ensaia
aproximar-se mais da esposa.
Ensaia abraçá-la, mas recua, hesitante.*

Doutor Seabra

Laura, tão moça... parece minha filha,
mas... a amo... minha mulher! Laura.

*Laura enfim se vira de frente para o Doutor
Seabra. A luz ilumina todo o palco, como no
início deste ato.*

Laura

Sim... Sim!
Vamos visitar o Bruno!

*O Doutor Seabra lhe oferece o braço,
no qual Laura se apoia. Eles saem.*

Cena 2

*No quarto de Bruno; o Coro de Porcos
está posicionado atrás de onde Bruno está
deitado, como se fosse um grupo de aves
de mau agouro. Laura entra sozinha e corre
em direção a Bruno, ajoelhando-se a seu
lado e tocando a sua testa.*

Laura

Ele arde! Ele arde!

Doutor Seabra entra no quarto.

Doutor Seabra

O médico diz
que Bruno já não come.
Alimenta-se apenas
de leite de peito.
As amas não querem...

*Laura se levanta, toca os seios e
olha para o Doutor Seabra, que, de olhos
arregalados, faz um quase imperceptível
gesto de assentimento.*

*Laura olha para o marido,
que lhe devolve o olhar.*

Coro de porcos

(Sussurrando)

Aqui é o caminho dos moços

Laura

(Sussurrando)

Oh! Bruno, Bruno...
meu Bruno,
Ah!

Coro de porcos

Aqui é o caminho dos moços
Aqui é o caminho dos mortos
Mortos ...

*Laura abre a blusa, tira o seio para fora,
ajoelha-se ao lado de Bruno
e lhe dá de mamar.*

Bruno morre em seus braços.

Ato III – Os cisnes

Cena única

A cena se passa no Hospital de Alienados do Dr. Aguilar. A Viscondessa de São Roque entra no palco, se senta e espera, vai ficando impaciente. Por trás dela, Serafina entra, passa de mansinho uma vez, vê a Viscondessa; se pergunta quem é, passa mais uma vez; volta e só então se aproxima.

Irmã Serafina *(delicada)*

Deseja alguma coisa?

Viscondessa *(com certa irritação)*

Sim...

Espero permissão para visitar este Hospital de Alienados.

O doutor havia prometido...

Mas parece que perdi a viagem.

Irmã Serafina

Se é só isso, posso acompanhá-la.

Viscondessa

É enfermeira?

Irmã Serafina

Sim, minha senhora;

(Indicando o caminho com a mão)

Podemos ir?

Viscondessa

E como devo chamá-la?

*Irmã Serafina não responde logo,
fica pensativa*

Irmã Serafina

Não sou freira,

mas fui educada num convento.

Meus irmãos me chamavam assim.

Podemos ir...

Coro de porcos

(Sussurrando)

Não tire leite de pedra!

Não jogue pérolas aos porcos!

Irmã Serafina

Quer ver uma louca feliz?

*Serafina aponta como se mostrasse alguém;
Viscondessa observa curiosa.*

Irmã Serafina

Ao pé da janela

Toda de branco

Ela fica sempre assim.

Olhando para o azul do espaço

Está ouvindo? Está ouvindo?

A voz é só um fio.

Cantando essa cantiga risonha

(como se dissesse para si mesma)

Ela fica sempre assim...

Viscondessa

A Irmã não tem medo de viver aqui?

Continuam a caminhar

Irmã Serafina

Às vezes...

Mas me dediquei aos loucos e hei

De estar com eles até o fim.

Pobre gente! Pobre gente...

Irmã Serafina

Aqui é a escola das crianças.

Viscondessa *(apavorada)*

Que lugar é esse?

Esses... essas pessoas.. esses seres...

Como vivem assim?

Irmã Serafina

Pobres anjos! Pobres anjos!

Uma vida de agonia...

Estas crianças têm

me feito chorar!

Algumas mordem, batem,

São pequenas feras

Sou mais carinhosa

com aquelas a quem

ninguém quer bem...

Alguém precisa amá-las.

Viscondessa *(com desdém)*

Triste é a vida...

*Serafina ajoelha-se,
como se se aproximasse de uma criança.*

Irmã Serafina

Dorme pequena, Dorme pequena,
...esta água que te molha...
...este escuro... ..este escuro...

Não é fundo, não é céu
Não é céu,
Não é fim...
Ah! São lágrimas.

Viscondessa *(para si mesma, observando Serafina)*

Que olhar piedoso e doce
Que anjo
(voltando a falar com Serafina)
Que belo jardim!
As azaleias!
Que belo lago!

Irmã Serafina *(como se olhasse pela janela)*

Sabe que as crianças
gostam das aves?

Coro de porcos

(Sussurrando)
Aqui é o caminho dos loucos.
Aqui é o caminho dos mortos.
Dos mortos.

Viscondessa

Das aves?

Irmã Serafina

Sim! Sim! As aves têm
Asas...asas que abraçam

Viscondessa

Agradeço a gentileza
Preciso ir, está ficando tarde...

Irmã Serafina volta-se para a Viscondessa.

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

(Sussurrando)
Nas águas.... as aves...gritam...gritam...em
alvoroço
Aves que gritam...nas águas... em alvoroço
Ave na água é mau agouro. (2x)

Viscondessa

Que cisnes?

Irmã Serafina

Que cisnes? Os cisnes!

Viscondessa

Não tem cisnes no lago... São...

Irmã serafina *(agressiva)*

Cisnes!!

Coro de porcos

Ave na água é mau agouro.

Irmã Serafina

(dá um grito horrível, de raiva)
Os cisnes!!!!!!!

Viscondessa *(para si mesma)*

Meu Deus! Quem é essa mulher?

A viscondessa sai correndo.

Irmã Serafina

Esses cisnes malditos
Os cisnes No lago, no lago, sempre no lago.
Cisnes de corpos grandes,
asas brancas, branquinhas, pescoço
comprido!
Esses cisnes malditos! Aves horrendas
que arrastam as crianças para
o leito de morte. Cisnes malditos!
Chegam cantando, e dançando, sem aviso
E levam levaram a minha menina! Ah!
Embora....embora?
Levaram embora a minha menina... a minha
filha!

Coro de porcos *(em segundo plano)*

Ave na água
Ave na água

Irmã Serafina *(com raiva)*

A minha filha?

Serafina cai no chão.

Coro de porcos

Ave na água
Filha na água!

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

Aqui é o caminho dos loucos, dos mortos, dos porcos ...
dos loucos, Aqui! ... dos mortos ... é aqui!

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...dos moços...

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...das mães...
...das mães...
...das mães...
...das mães...

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...dos seios...

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...do leite...

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...da filha...

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...afogada

Irmã Serafina

E os cisnes?

Coro de porcos

...morta ... morta ... morta.

Concerto

ORQUESTRA JOVEM VALE MÚSICA

10/11, ÀS 20H CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL

Simple symphony op. 4

Benjamin Britten [20']

Invenções Brasileiras nº 2

Juliana Ripke [3']

Suíte Infância Brasileira

Elodie Bouny [8']

Esboços – Cenas Pitorescas op.38

Leopoldo Miguez [17']

Orquestra Jovem Vale Música

Sobre o espetáculo

Compositores de diferentes épocas, estilos e nacionalidades voltaram-se ao folclore e às manifestações regionais como fonte de inspiração. E, nesse processo, temas ligados à infância estiveram particularmente presentes. No caso da *Simple Symphony*, de Benjamin Britten (1913-1976), essa relação é imediata: a peça, escrita em 1934, é baseada em melodias e ideias musicais de obras compostas por ele quando tinha apenas 9 anos de idade, por sua vez inspiradas em histórias infantojuvenis, como a de Robin Hood, o herói da literatura inglesa que roubava dos ricos para dar aos pobres.

No Brasil, o olhar para a cultura regional, a partir do início do século XX, se propunha a imaginar uma música clássica que, herdada da Europa, assumisse um caráter nacional, com o diálogo entre culturas servindo de base para uma identidade musical e cultural.

É desse universo que fala Juliana Ripke (1988-) em *Invenções Brasileiras nº 2*, escrita sob encomenda desta edição do festival para o concerto da Orquestra Jovem Vale Música. O nome da obra refere-se ao que ela define como a invenção de tradições na cultura brasileira. “E como o tema do Festival está ligado à relação com o outro, busquei recriar na música diálogos entre melodias e entre os instrumentos, assim como entre ritmos brasileiros, como o baião, o maracatu ou o choro”, ela explica.

A infância e o folclore são presenças marcantes na *Suíte Infância Brasileira*, da compositora franco-venezuelana Elodie Bouny (1982-), criada para o Projeto Sinos, iniciativa de formação musical desenvolvida pela Funarte e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os quatro movimentos da obra evocam personagens célebres do imaginário infantil: Boitatá, Cuca, Iara e Lobisomem.

Para cada um deles, Elodie cria um universo musical diferente. Boitatá tem, em suas palavras, um caráter “lento e ameaçador”, como a grande serpente protetora das florestas brasileiras. Cuca alterna uma música que representa brincadeiras infantis com a presença, sugerida pelos contrabaixos, da jacaré velha e monstruosa que rouba crianças desobedientes e rebeldes. A sereia Iara, tema do terceiro movimento, surge a partir de um tema repleto de lirismo. E Lobisomem apresenta dois temas – um associado ao homem e outro, ao lobo –, que vão se misturando gradualmente, formando uma representação musical da criatura que surge nas noites de lua cheia.

O concerto se encerra com *Esboços – Cenas Pitorescas*, do brasileiro Leopoldo Miguez (1850-1902). As peças que compõem a obra foram escritas originalmente para piano solo, mas o compositor fez em seguida a versão orquestral que vamos ouvir, uma de suas últimas criações. Miguez trata cada movimento – Polônia, A Tardinha, Devaneio, Teteia, Pesar e Folgado – como uma miniatura, descrevendo situações e personagens em uma linguagem envolvente.

Piano solo

APENAS EU OUÇO ESTA MELODIA?

11/11, ÀS 20H CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL

Sonata n° 14,
op. 27 n° 2 (Sonata ao luar)
Ludwig van Beethoven [18']

Canções sem palavras op. 8 n° 3
Canções sem palavras
op. 8 n° 4 – *Wanderlied*
Fanny Mendelssohn [6'20]

Kreisleriana op. 16
Robert Schumann [30']

Scherzo n° 2 op. 14
Clara Schumann [4']

Morte de Isolda S.447
Richard Wagner/Franz Liszt [7']

Piano: Cristian Budu

Sobre o espetáculo

A música do Romantismo é testemunho de uma nova visão a respeito do ser humano. As emoções, os conflitos, as dores e as paixões: o mergulho nos recantos mais profundos da alma marca a relação do indivíduo consigo próprio e com o mundo à sua volta. Na música, poucos simbolizaram esse novo modo de pensar tão bem quanto Ludwig van Beethoven (1770-1827). A Sonata ao Luar é um bom exemplo. Com seu clima misterioso, ora melancólico, ora delicado, ora tempestuoso, é marcada por contrastes.

Símbolo da relação do artista romântico com o mundo é a figura do “wanderer”, termo que pode ser traduzido como “viajante”. Mas esse não é qualquer viajante: é alguém que ruma sem destino específico, que busca no próprio caminho, na relação com a natureza e com aqueles que encontra em sua jornada, um sentido – e serviu de inspiração para as Canções sem palavras op. 8 n° 4, de Fanny Mendelssohn (1805-1847).

O recital segue com a *Kreisleriana*, que Robert Schumann (1810-1856) criou inspirado na figura de Johannes Kreisler, personagem do escritor E.T.A. Hoffmann, um compositor marcado “por visões interiores e sonhos, como se flutuasse em um mar repleto de ondas, procurando em vão o porto que lhe daria a paz e a serenidade”.

Na peça, há muito do próprio Schumann, que nela evoca Florestan e Eusébio, seus dois alter egos: o primeiro, sensível e poético; o segundo, impetuoso e dramático. A peça também é uma declaração de

amor à Clara Wieck (1819-1896). O pai da pianista e compositora era contra o casamento dos dois que, àquela altura vivendo em cidades diferentes, comunicavam-se então por meio de longas cartas – e de música.

Robert e Clara se casaram e a paixão compartilhada pela música manteve-se como um dos principais elos do casal. Em 1841, os dois trabalharam juntos em canções inspiradas em “Primavera do amor”, do poeta Friedrich Rückert. E, alguns anos mais tarde, Clara utilizou a melodia de uma delas para escrever seu *Scherzo n° 2*, símbolo de seu poder criativo e da intensidade da relação com Robert.

O amor e o desejo são os grandes temas da ópera *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner. “Então devemos morrer, para que juntos, como um só, sem fim, sem jamais acordar, jamais temer, abraçados pelo amor, entregues um ao outro, possamos viver apenas para amar”, dizem os protagonistas no dueto do segundo ato.

Eles anseiam pelo momento em que o indivíduo possa desaparecer e formar uma nova entidade ao lado do outro, objeto de sua paixão. “Vocês não sentem ou veem? Apenas eu ouço esta melodia que soa dentro dele, maravilhosa e gentil, que tudo expressa, e se reconcilia suavemente, voando alto, com seus doces ecos ressoando sobre mim?”, diz Isolda na cena final da ópera, sua *Morte de amor*, do compositor Franz Liszt (1811-1886).

Barítono, trompa e piano

A ALMA É PROFUNDA COMO OS RIOS

17/11, ÀS 20H CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL

Auf dem Strom

Franz Schubert [10']
Poema de Ludwig Rellstab
Trompa, piano e barítono

Elegia das grades

Luís de Freitas Branco [3']
Poema de Mário Beirão
Piano e barítono

Ó noite, por que hás de vir sempre molhada (Eugênio de Andrade)

Fernando Lopes Graça [4'50]
Do ciclo "As mãos e os frutos"
Poema de Eugênio de Andrade
Piano e barítono

Põe-me as mãos nos ombros

Fernando Lopes Graça [2']
Poema de Fernando Pessoa
Piano e barítono

Tomámos a vila depois de um intenso bombardeamento

Fernando Lopes Graça [2']
Poema de Fernando Pessoa
Piano e barítono

Profecia do Silêncio

Leonardo Martinelli [4']
Poema de Júlia Hansen
Trompa, piano e barítono

I thirst

Younghi Pagh Paan [7']
Piano

SCHerZOid

Margareth Brouwer [6']
Trompa

Os tons da claridade

Nilcéia Baroncelli [3']
Piano

The negro speaks of rivers

Margareth Bonds [4']
Poema de Langston Hughes
Piano e barítono

Silent Songs

Valentin Silvestrov [13']

Houve tempestades e intempéries

Poema de Ievgueni Baratynski

O espírito dorido é curado pelo canto

Poema de Ievgueni Baratynski

Estação triste! Deleite para os olhos!

Poema de Alexander Pushkin

Adeus, mundo, adeus, terra

Poema de Taras Shevchenko

Piano e barítono

Barítono: Homero Velho

Piano: Priscila Bomfim

Trompa: Ury Vieira



Sobre o espetáculo

Na canção *Auf dem Strom*, o poeta fala da angústia da viagem em direção à escuridão e ao vento frio de um oceano cinzento e ameaçador. Ele se refere à saudade da terra natal, aos últimos beijos na mulher amada. Mas não poderíamos também ler em seus versos a narrativa de uma outra e ainda mais dura jornada, da sensibilidade e idealização do Romantismo até a crueza e os conflitos do século XX?

É uma jornada rasgada pela miséria, pela guerra, pela fome e pelo absurdo de mortes vãs, cenário descrito nas canções *Elegia das Grades*, de Luís Freitas Branco (1890-1955), sobre texto de Mário Beirão, e *Tomámos a vila depois de um intenso bombardeamento*, de Fernando Lopes-Graça (1906-1994), a partir de Fernando Pessoa.

A desumanidade da guerra é exemplo da dificuldade do ser humano de compreender e aceitar o outro. Mas guerras não se travam mais apenas nos campos de batalha. São também cotidianas, com armas substituídas por discursos de ódio, pela perversão da palavra, como a descrita pela poeta Julia Hansen (1984-) no poema *Manadas abrem com fogo os caminhos*, que deu origem à canção escrita por Leonardo Martinelli (1978-) a convite do Festival, especialmente para o recital desta noite.

Se artistas têm retratado essa temática, chamando atenção para os horrores da intolerância, também é verdade que em muitos casos eles nos falam de formas de resistência – tema muito presente na criação da compositora sul-coreana Younghi Pagh Paan (1945-). *I thirst* é inspirada na história

Ilha Jeju e seus habitantes, mortos em incêndios provocados por milícias e pela polícia quando, nos anos 1940, tentaram se rebelar em favor de uma Coreia unificada e livre da influência japonesa e dos Estados Unidos. Em sua obra, Pagh Paan utiliza cantos de pescadores da região, não para lembrar a morte, mas para, em suas palavras, “expressar o espírito indestrutível dos antepassados”.

O contraste entre sutileza e agressividade, recriado pelas possibilidades expressivas da trompa, é o ponto de partida para *SCHerZOid*, da compositora americana Margareth Brouwer. E nos leva ao lirismo de *Os Tons da Claridade*, de Nilcéia Barancelli (1945-), pioneira no Brasil na pesquisa e resgate de obras de compositoras. Em seguida, ouviremos *The Negro Speaks of Rivers*, de Margareth Bonds (1913-1972). A canção nasce dos versos em que Langston Hughes (1901-1967) cria um paralelo entre a profundidade dos rios e da alma humana. Mais do que isso: a evocação de diferentes cursos d’água, em locais e épocas distintas, permite ao homem negro da canção reconhecer seus antepassados escravizados e valorizar a herança de sua cultura.

O recital se encerra com uma seleção do ciclo *Silent Songs*, do compositor ucraniano Valentin Silvestrov (1937-). São canções escritas a partir de textos de poetas como o ucraniano Taras Shevchenko e os russos Alexander Pushkin e Ievgueni Baratynsky. Elas falam de natureza, do passar do tempo, de tempestades assustadoras. Mas lembram, logo em sua passagem inicial: o espírito dolorido pode sempre ser curado pelo canto.

Auf dem Strom No Rio

Franz Schubert, poema de Ludwig Rellstab

Aceite os últimos beijos de despedida,
E os acenos que eu envio para a margem,
Antes que teus pés te afastem!
O barco já é levado embora pelas ondas do rio,
Porém o olhar escurecido pelas lágrimas, traz a
saudade sempre de volta.

E assim me levam as ondas com
uma rapidez não desejada.
Logo desapareceu o lugar onde eu,
feliz, a encontrei.
Acabaram para sempre os dias de êxtase!
Sem esperança, ecoa o lamento pelo país onde
encontrei o seu amor.

Veja como as margens passam voando,
E como me impulsiona para lá
com indescritível força,
Para aquela casinha – e lá ficar no jardim;
Mas as ondas do rio se apressam sem trégua,
sem descanso e sem paz,
E me levam para o oceano.

Ah, diante daquela escura vastidão,
Longe de qualquer feliz margem,
Onde não se avista terra alguma,
Ah, tremendo, sou dominado pelo pavor!
Nenhuma canção pode vir das margens, trazendo,
suavemente, lágrimas de amargura.
Apenas a tempestade sopra, fria, sobre
o mar que se ergueu plúmbeo.

Já que os olhos, saudosos, olham em volta e não
conseguem ver nenhuma margem,
Então eu olho para as estrelas,
Naquele espaço sagrado!
Sob suas luzes suaves eu,
pela primeira vez, a pensei minha.
E ali, talvez, feliz consolo! Ali eu
encontrei o seu olhar.

Elegia das Grades

Luís de Freitas Branco, poema de Mário Beirão

A fome, um dia, arrastou-me
Para as grades da prisão:
Sou o bastardo sem nome,
O deserdado sem pão!

Meu ar é dúbio, suspeito:
Vinte prisões conto já,
Vinte facadas no peito,
Na alma quantas não há!

Ninguém me quer, sou da vasa;
Nas minhas carnes espúrias
Marcaram, a ferro em brasa,
Tatuagens rubras de injúrias!

Quando eu canto, o povo em
massa
Chora ouvindo a minha voz;
Novo Camões da desgraça,
Canto a dor de todos nós!

Nas lajes do corredor
Ressoam passos... Quem vem?
Ferrolhos, chaves, rumor...
Encarceraram alguém!
Ferros de El-rei! Que ironia!
Soubesse El-rei da traição,
E caridoso viria
Dar-nos lágrimas e pão!

Aqui, em torpe igualdade,
Anicham-se os pais e os filhos;
Cabeças fora da grade,
Famintos e maltrapilhos!

A sombra, despertando o instinto,
Espessa de ardis, oprime;
Abismam-se as almas ... Sinto
Correr-me a larva do crime!

Noites de febre e miasmas,
De delírios e cruezas ...
Perpassam brancos fantasmas,
Brandões, fogueiras acesas!

Aos areais da desgraça
Lançou-me torva maré...
Vejo toda a minha raça
Ardendo em autos de fé!

Adeus, a noite vai alta!
Por entre névoas, mui cedo,
Vou de súcia com a malta,
Na leva para o degredo!

Que importa morrer de todo
Nos ermos de água sem fim?
Eu já morri de algum modo:
Sou a lembrança de mim!

Saudades, brumas, acenam ...
Eu, no escuro, a murmurar:
«– Os crimes dos que condenam
Nem o inferno os quer julgar!»

Çala a tua alta Epopeia,
O povo de Pedro Sem!
Maré cheia, maré cheia,
Já se não salva ninguém!

Ó noite, por que hás de vir sempre molhada

Fernando Lopes Graça, poema de Eugênio de Andrade

Ó noite, porque hás-de vir sempre molhada!

Porque não vens de olhos enxutos
e não despes as mãos
de mágoas e de lutos!

Porque hás-de vir semimorta,
com ar macerado e de bruxedo,
e não despes os ritos, o cansaço,
e as lágrimas e os mitos e o medo!

Porque não vens natural
Como um corpo sadio que se entrega,
e não destraças os cabelos,
e não nimbas de luz a tua treva!

Porque hás-de vir com a cor da morte

– se a morte já temos nós!
Porque adormeces os gestos,
porque entristeces os versos,
e nos quebras os membros e a voz!

Porque é que vens adorada
por uma longa procissão de velas,
se eu estou à tua espera em cada estrada,
nu, inteiramente nu,
sem mistérios, sem luas e sem estrelas!

Ó noite eterna e velada,
senhora da tristeza, sê alegria!
Vem de outra maneira ou vai-te embora,
e deixa romper o dia!

Põe-me as mãos nos ombros...

Fernando Lopes Graça, poema de Fernando Pessoa

Põe-me as mãos nos ombros...

Beija-me na fronte...
Minha vida é escombros,
A minha alma insonte.

Eu não sei porquê,
Meu desde onde venho,
Sou o ser que vê,
E vê tudo estranho.

Põe a tua mão
Sobre o meu cabelo...
Tudo é ilusão.
Sonhar é sabê-lo.

Tomámos a vila depois dum intenso bombardeamento

Fernando Lopes Graça, poema de Fernando Pessoa

A criança loura
Jaz no meio da rua,
Tem as tripas de fora
E por uma corda sua
Um comboio que ignora.

A cara está um feixe
De sangue e de nada.
Luz um pequeno peixe
— Dos que bóiam nas banheiras —
À beira da estrada.

Cai sobre a estrada o escuro.
Longe, ainda uma luz doura
A criação do futuro...
E o da criança loura?

Manadas abrem com fogo os caminhos

Júlia Hansen, texto da canção Profecia do Silêncio, de Martinelli

Manadas abrem com fogo os caminhos.
Vão matar aquele que proferiu
a palavra animada. Vai morrer
aquele que falou.

Há séculos árvores se matam
pelas impressões dos que dizem.
Há séculos morrem pelos verbos.

Carregado entre as tochas
vem aquele que só teve ouvidos
O silêncio
entre assobios de pássaros
é um dos nossos profetas:
e, como um astrólogo,
entre os ritmos dos astros
entre as rochas, falou:

sois gastos como os troncos
na rua
meio podres. As chuvadas
vão levar abaixo
os cabos elétricos!
abaixo os vizinhos!
abaixo os jornais!
abaixo os compartilhadores!
abaixo!
os que mantêm vivas
as informações proliferando!

E quando diria:
abaixo os instrumentos!
Veio a palavra, o enredou:
estava humano:
teve compaixão. E matou.

The Negro Speaks of Rivers O Negro Fala dos Rios

Margareth Bonds, poema de Langston Hughes, tradução por Giovanna Gobbi Alves Araújo

Conheci rios:
Conheci rios tão antigos como o mundo e mais velhos
que o fluir do sangue nas humanas veias
Minha alma se tornou profunda como os rios.
Me banhei no Eufrates nas jovens auroras.
Construí minha cabana junto ao Congo e ele me embalou até dormir.
Contemplei o Nilo e ergui as pirâmides sobre ele.
Ouí o canto do Mississippi quando Abe Lincoln foi a New Orleans
e vi seu leito enlameado dourar ao entardecer.

Conheci rios:
Vetustos, obscuros rios.
Minha alma se tornou profunda como os rios.

Silent Songs Canções Silenciosas

Valentin Silvéstrov, tradução de Irineu Franco Perpetuo

Houve tempestades e intempéries Poema de Ievgueni Baratynski

O espírito dorido é curado pelo canto.
O poder misterioso da harmonia
Redime o duro engano
E doma a paixão rebelde.
A alma do cantor, desafogada em concórdia,
Liberta-se de todos seus pesares;
E a santa poesia confere pureza
E paz à sua comungante.

O espírito dorido é curado pelo canto Poema de Ievgueni Baratynski

Houve tempestades, intempéries,
Pois eram anos jovens!
No dia chuvoso, na hora opressiva,
Do peito ergue-se um suspiro potente;
Transborda livre na canção,
O pesar dos infortúnios ganha voz!
E a idade, a idade velha
É desposada como feroz castigo.
Com peso duplicado, o peito cansado
Já não solta um suspiro audaz;
Não colocas em tua voz
Os cabelos brancos do pensamento negro!

Estação triste! Deleite para os olhos! Poema de Alexander Puchkin

Estação triste! Deleite para os olhos!
Agrada-me tua beleza de despedida –
Amo o suntuoso definhar da natureza,
Os bosques vestidos de rubro e ouro,
O som do vento e o hálito fresco em seus desvãos,
E os céus recobertos de brumas ondulantes,
E um ralo raio de sol, e as primeiras geadas,
E as ameaças distantes do inverno grisalho.

Adeus, mundo, adeus, terra Poema de Taras Shevchenko

Adeus, mundo, adeus, terra,
Lugar hostil.
Meu tormento, minha fúria,
Esconderei nas nuvens.

E você, minha Ucrânia,
Viúva inquebrantável,
Voarei até você
vindo das nuvens, para conversar.

Para conversar um pouco,
Estarei com você;
À meia-noite cairei
Como orvalho brilhante.

Soprano e piano
SONHO DE EXISTIR, ILUSÃO DE AMAR

18/11, ÀS 20H CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL

Prelúdio nº 3 - Lento e sombrio;

agitato

Berta Alves de Sousa [3']

Piano solo

Há no meu peito uma porta

Berta Alves de Sousa [3']

Poema de José Abreu Albano

Canto e piano

De amor escrevo

Berta Alves de Sousa [3']

Poema de Luís de Camões

Canto e piano

Femmes de Légende

Mel Bonis [24']

Piano solo

Passionis de Flamma

Eli-Eri Moura [31']

Canto e piano

Piano: Erika Ribeiro

Soprano: Débora Faustino



Sobre o espetáculo

A violência é uma forma constante de silenciamento. E três histórias reais foram o ponto de partida para o compositor Eli-Eri Moura (1963-) ao escrever o ciclo de canções *Passionis de Flamma*. A obra está dividida em três partes, cada uma dedicada a uma mulher vítima da intolerância, do machismo e do abuso, ainda tão presentes em nossa sociedade.

A primeira parte relembra Isabela Pajuçara, estuprada e assassinada após uma festa em Queimadas, na Paraíba, em 2012. A segunda trata da história de Mayara Amaral, violonista de 27 anos que foi assassinada a marteladas pelo namorado em 2017. E a terceira evoca um episódio ocorrido no mesmo ano na Nicarágua, onde Vilma Trujillo, de 25 anos, foi amarrada em uma árvore e queimada viva por evangélicos fundamentalistas que queriam “expulsar o demônio” de seu corpo.

Eli-Eri Moura explica que cada parte da obra é formada por quatro canções: a primeira exalta as virtudes da mulher; a segunda relembra julgamentos segundo óticas machistas; a terceira evoca os casos que inspiraram a composição; e a quarta propõe o que o compositor define como “redenção simbólica” da mulher assassinada.

A dureza da composição é um lembrete necessário sobre a questão do feminicídio e o poder da arte de refletir sobre o nosso tempo. Da mesma forma, as outras peças presentes no recital celebram a criação feminina como forma de resistência perante a barbárie e contra o silenciamento da mulher compositora.

A portuguesa Berta Alves de Sousa (1906-1997) desenvolveu importante carreira como intérprete e compositora. Foi a primeira mulher a reger uma orquestra em Portugal e dela vamos ouvir o Prelúdio nº 3 para piano e a canção Há no meu peito uma porta.

Em seguida, o programa traz *Femmes de Légende*, grupo de sete peças para piano, da francesa Mel Bonis (1858-1937). Suas “mulheres lendárias” são personagens femininas da literatura e mitologia, cujas histórias ela recria por meio do piano. As obras foram escritas ao longo das duas primeiras décadas do século XX e são testemunho do vigor criativo de uma autora cuja obra apenas recentemente tem sido resgatada.

Mélisande é inspirada na jovem personagem do poeta Maurice Maeterlinck. Desdêmona é a mulher vítima do ciúme e da violência de Otelo na peça de William Shakespeare, autor também de *Hamlet*, na qual Ofélia é retratada em toda a sua melancolia. Viviane, a fada do lago, era filha de Diana, deusa dos bosques, responsável por proteger e entregar ao Rei Arthur a espada Excalibur. Phoebé é a deusa da lua na mitologia grega. Salomé, a personagem bíblica que mexeria com a imaginação de diversos artistas ao longo dos séculos, e Ônfale, a rainha da Lídia, terra do Oriente, e esposa de Hércules.

Há no meu peito uma porta **Berta Alves de Sousa, poema de José Abreu Albano**

Há no meu peito uma porta
A bater continuamente,
Onde a esperança jaz morta
E o coração jaz doente;
Em toda parte em que eu ando,
Oíço este murmúrio infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo.

De amor escrevo **Berta Alves de Sousa, soneto de Luís de Camões**

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo:

De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a glória sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No imenso resplendor de hum raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.

Nada, em fim, me aproveita; que a esperança,
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

Passionis de Flamma **Paixão das Chamas** **Eli-Eri Moura**

I - Chama da vida **Melodia e texto de Hildegard von Bingen - séc. XII**

Ó Espírito do Fogo, e Defensor,
vida da vida de toda criatura,
tu és sagrado,
dando vida às formas,
Eu sou a vida ígnea da substância divina.
Resplandeço sobre a beleza dos campos,
brilho nas águas, queimo no sol, na lua e nas estrelas.
Com o vento etéreo eu desperto para a vida todas as coisas
com uma certa vida invisível que as sustenta.

II - Maldição de Pandora

Filho de Jápeto: alegras-te de ter roubado o fogo,
o que trará a grande desgraça para ti e os homens futuros!

Pra compensar o fogo eu lhes darei um ser venal,
com que todos se encantarão, abraçando o seu próprio mal.

Pandora, dona de todo o mal;
do homem, tristeza sem igual!
Engano vil e sedutor, é para nós grande ardil!
Espírito de cão, dissimulada!
Dela é a geração de mulheres tão vis!

III - Mulheres de queimadas

Mãe de Isabela:

Faz um ano de saudade
e de dor...
O quarto dela está
do mesmo jeito...

Isabela:

Tanto que fiz por você...
Não faça isso não...
Pare! Pare! Pare! A minha mãe
não aguenta isso não...

Mãe de Isabela:

Me pergunto o porquê fizeram
isso com a minha filha...

IV - Maria: um Sol me pareceis

Matais de incêndios, meu lindo, meu lindo, ai, lê, lê,
Porque um Sol me pareceis; não me mateis.

Deixai que eu goze essas luzes, ai, lê, lê,
Meu amor não me mateis, não me mateis.
Hei de chegar-me aos incêndios, ai, lê, lê,
Inda que raios vibreis,
não me mateis.

V - Fogo de Héstia

Homem:

Quem vem como a alva do dia,
brilhante como o sol?

Coro:

É Héstia, que guarda o fogo
sagrado e que habita nas
moradas dos deuses e dos
mortais.

Homem:

Há nos teus olhos escuros
Tantas centelhas, que ao vê-las
Eu penso na treva e nos brilhos
Das noites cheias de estrelas...
Sonhei que de astros
no Infinito presa
Vagavas, brandamente
adormecida,
Nas chamas siderais
resplandecida,
A carne, em chamas,
no Infinito, acesa...

Héstia:

Dorme sobre o meu seio,
Sonhando de sonhar...
No teu olhar eu leio
Um lúbrico vagar.
Dorme no sonho de existir
E na ilusão de amar...

VI - La Malora

Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,
Me deixou só no fogo e no torpor?
Por que foste gemer na orgia ardente...
Perder teu coração em vis amores?
Mulher, funcionária dos instintos!!
Bem vejo que sois, Senhora,
extremo de formosura,
para minha sepultura.

VII - Mayara carbonizada

Mayara:

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros fuge
Cai sobre mim feito ontem.

Mãe de Mayara:

Pés, os pés, os pés, os pés...
Só porque o fogo não queimou os pés...

Mayara:

Não sinto o espaço que encerro...

Mãe de Mayara:

...foi possível reconhecê-la!

Mayara:

...Nem as linhas que projeto...

Mãe de Mayara:

Os pés, os pés!

Mayara:

...Se me olho a um espelho, erro –
Não me acho no que projeto.

VIII - Todo o fogo telúrico profundo

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo...

IX - Chama da paixão

Se é certo que o amor é um bem profundo
Se é certo que o amor é um sol ardente,
Eu hei de amar-te sempre neste mundo
E sempre, sempre, sempre — eternamente.

X - Malleus Maleficarum

A mulher é mais amarga que a morte...
É um animal imperfeito, que engana!
Por isso há tantas bruxas neste sexo!
Pois toda a bruxaria provém
Da sede carnal que tem a mulher!
E bendito seja o Altíssimo,
que até hoje protegeu o sexo masculino
de tão grave delito.
Amém! Amém! Amém!

XI - Bruxa da Nicarágua

Fuego! Fuego! Fuego! Fuego!...
O pastor Juan Gregório disse que se o demônio não
saísse do corpo antes do nascer do sol, Vilma teria
de ser queimada. Eles oraram por ela das quatro
até pouco antes das seis horas, quando foi despida,
amarrada e jogada à fogueira.
Fuego! Fuego! Fuego! Fuego!...
Depois, ela foi atirada em um barranco, onde ficou
por nove horas até ser achada por um parente. Vilma
Trujillo, de vinte e cinco anos, sofreu queimaduras em
oitenta por cento do corpo e morreu nesta terça-feira
em um hospital de Manágua.
Fuego!

XII - Phoenix

Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.
As estrelas pestanejam frio,
Impossíveis de contar.
O coração pulsa alheio,
Impossível de escutar.

Quarteto de cordas e harpa

ÁVIDOS DE TER, CAMINHAM PELAS RUAS

24/11, ÀS 20H CASA DE MÚSICA SÔNIA CABRAL

Quest

Niloufar Nourbakhsh [2']
Harpa

D'un vieux jardin

Lili Boulanger [3']
Harpa

L'Eternel rêveur

Marcel Tournier [3']
Harpa

City of Transition

Joyce Tang [15']
Quarteto de cordas

Poço de Dentro

Thais Montanari [5']
Inspirada em poema
de Hilda Hilst
Quarteto de cordas e harpa

Skye

Freya Waley-Cohen [6']
Harpa

Conte fantastique

André Caplet [17']
Quarteto de cordas e harpa

Quarteto Bratya: Diego Adinolfi,
Felipe Ribeiro, Jonathan Azevedo e
Rodney Silveira

Harpa: Maíni Moreno



Sobre o espetáculo

“**O** olho da rua vê o que não vê o seu”. O verso do poeta Paulo Leminski nos diz que, nas ruas, o mundo real acontece, as diferenças se cruzam, o espaço é dividido com o outro. Mas também nos coloca uma pergunta: o quanto de fato estamos atentos, em meio ao cotidiano, àquilo e àqueles que estão à nossa volta? Não nos acostumamos a ignorar, anestesiados, as histórias e vidas com que cruzamos? O recital de hoje é composto por obras que sugerem justamente o exercício de dar um passo atrás e contemplar os espaços compartilhados em que vivemos.

A primeira parte da apresentação traz três obras para harpa solo. Quest é inspirada na jornada pessoal da compositora iraniana radicada nos Estados Unidos, Niloufar Nourbakhsh (1992-), em seu desejo de se fazer ouvir perante a multidão e seu preconceito. Em D'un vieu jardin, a francesa Lili Boulanger (1893-1918) recria um jardim que, em meio à paisagem urbana, sugere a possibilidade de contemplação de memórias individuais e coletivas. E L'éternel rêveur, sonhador eterno, integra uma série de obras do francês Marcel Tournier (1879-1951), inspiradas na cidade de Paris.

Em seguida, vamos ouvir City of Transition, da compositora Joyce Tang. A peça é inspirada em textos nos quais o poeta Ya Si (1949-2013) descreve a cidade de Hong Kong. No primeiro movimento, a música apresenta os sons de um bonde solitário em uma noite escura; no segundo, a inspiração vem dos ruídos de feiras e comércios de rua; no terceiro, a imagem é a de um antigo prédio colonial sendo destruído; e o quarto e último movimento corresponde, nas palavras de Tang, a uma “sensação de instabilidade, no espaço e no tempo, de uma cidade em constante transição”.

Harpa e quarteto se encontram, então, pela primeira vez, no programa da noite de hoje, para interpretar Poço de Dentro, escrita por Thais Montanari (1986-) a convite do Festival. A peça nasceu da leitura de um fragmento de “Poemas aos Homens do Nosso Tempo”, da escritora brasileira Hilda Hilst: “Ávidos de ter, homens e mulheres caminham pelas ruas (...). Te pergunto: e a entranha? De ti mesma, de um poder que te foi dado, alguma coisa mais clara se fez? (...) Por que não tentas esse poço de dentro, o incomensurável, um passeio veemente pela vida?”.

Para harpa solo, Skye é batizada com o nome da pequena ilha escocesa em que a compositora Freya Waley-Cohen (1989-) passou momentos de sua infância. Na obra, enquanto caminha pelas antigas ruas medievais próximas ao castelo de Dunvegan, ela faz uma viagem pela história, mas percorre também um caminho que a leva à sua própria memória e ao papel que aquela paisagem teve na formação de sua identidade.

O ambiente medieval nos leva, então, à peça final do programa, Conte fantastique, de André Caplet (1878-1925). Escrita para quarteto de cordas e harpa, a partitura é inspirada em um conto do escritor americano Edgar Allan Poe, “A Máscara da Morte Escarlata”. Símbolo da literatura gótica, o texto conta a história do Príncipe Próspero, que, buscando refúgio contra uma doença que assola as ruas da vila, reúne em seu castelo “um milhar de amigos fortes e de corações alegres, escolhidos entre os cavalheiros e damas da sua corte”. Mas a medida prova-se ineficaz, como nos relembra o tocar da meia-noite de um velho relógio de ébano, recriado pelo som da harpa.

Concerto

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

25/11, ÀS 20H TEATRO SESC GLÓRIA

Fragmentos

Marisa Rezende

L'invitation au Voyage

Henri Duparc

Lorena Pires, soprano

Soupir

Maurice Ravel

Filipe Silva Santos, barítono

Il flote dans l'air

Alberto Nepomuceno

Orquestração de Rodolfo Coelho de Souza

Lucas Melo, tenor

Io son l'umile ancella

Francesco Cilea (Adriana Lecouvreur)

Natércia Lopes, soprano

Oh! It is sweet to be alone

Ethel Smyth (Fete Galante)

Filipe Silva Santos, barítono

Recitar!...

Vesti la Giubba

Ruggero Leoncavallo (Pagliacci)

Lucas Melo, tenor

Cena da Carta

Peter Tchaikovsky (Eugene Onegin)

Lorena Pires, soprano

Regência: Helder Trefzger

Convidada especial: Natércia Lopes

Solistas: Vencedores do Concurso

de Canto Natércia Lopes: Lorena Pires, Lucas Melo, Filipe Silva Santos

Orquestra Sinfônica do Espírito Santo:

Flautas / Flautim: Danilo Klein, José Benedito Viana Gomes, Lucas Rodrigues

Oboés: Jonathan Yoshikawa, Nathalia Maria

Clarinetes: Cristiano Costa, Danilo Soares, Rafael Cláudio

Fagotes / Contrafagote: Ariana Mendonça, Deyvisson Vasconcelos, Felipe Reis

Trompas: Alan Vinícius de Souza, Jdiordy Lucca, Guilherme Catão, Ury Vieira

Trompetes: Anderson Ferreira da Silva, Mizael de Andrade, Renan Sena

Trombones: Fernando Ferreira, Fredson Luiz Monteiro, Jorge Luiz de Melo, Ricley Ribeiro

Tuba: Deivid Peleje

Percussão: Cristiano Charles, Daniel Lima, Léo de Paula, Marcão Lima

Tímpanos: Gabriel Novais

Harpa: Maíni Moreno

Piano: Cláudio Thompson

Violinos: Alexandre Lopes, Dennys Serafim (Chefe de Naípe), Diego Adinolfi (Spalla), Ed Carlo Kiepper, Edilene Kiepper Lopes, Elton Reis Mancuzo, Emily Cristina, Felipe Ribeiro, Gabriel Alomba, Jacqueline Lima, Karen Silva, Kedma Johnson, Lucas Rodrigues, Oscar Orjuela, Rayane Fortunato, Wagner de Souza, Wellington Rodrigues

Violas: Carla Cardozo, Carlos Berto, Daniel Amaral, Ernesto Peña, Liana Meirelles Paes, Rafael Nunes, Renata Mendes, Rodney Silveira (Chefe de Naípe)

Violoncelos: Alex Nunes Castilhos, Christian Munawek, Ever Aguero, Fabrício Moura, Felipe de Luna, Jonathan Azevedo, Liana Meirelles

Contrabaixos: Felipe Medeiros, Jean Almeida, João Paulo Campos, Leandro Nery, Michael Hochreiter (Chefe de Naípe), Rodrigo Olivárez



Sobre o espetáculo

O programa será aberto com uma peça da compositora Marisa Rezende (1944-), homenageada pela 11ª edição do Festival de Música Erudita do Espírito Santo. “Fragmentos”, ela explica, é “uma obra intimista, de cores suaves e contornos difusos, como um quadro impressionista poderia ser”.

A alusão ao Impressionismo, movimento artístico que prezava a sensação do artista acima da busca pelo retrato da realidade, nos leva à França do final do século XIX e começo do século XX, com um conjunto de canções interpretadas pelos vencedores do 2º Concurso de Canto Natércia Lopes, realizado em 2023.

A soprano Leda Pires Adão interpreta *L’invitation au Voyage*, de Henri Duparc (1848-1933); o barítono Filipe Silva Santos, *Soupir*, de Maurice Ravel (1875-1937); e o tenor Lucas Melo canta *Il flotte dans l’air*, do ciclo de canções francesas escritas pelo compositor brasileiro Alberto Nepomuceno (1864-1920).

É a própria Natércia Lopes que abre a segunda parte do programa, interpretando a ária *Io son l’umile ancella*, da ópera *Adriana Lecouvreur*, de Francesco Cilea (1866-1950). “Eu sou a humilde serva do gênio criador; ele me oferece a palavra, e eu a espalho para os corações. Eu sirvo ao verso, o eco do drama humano”, diz a protagonista, uma atriz.

A passagem nos remete à figura do intérprete, aquele que assume o papel do outro no palco, fazendo dialogar sua própria experiência com a do compositor ou dramaturgo – tendo em vista, sempre, o contato com o público.

Nosso programa recupera, então, a *commedia dell’arte* e duas árias em que é possível observar o espaço entre o real e a ficção, entre o artista e o personagem. A primeira é *Oh! It is Sweet to be alone*, da ópera *Fête Galante*, de Ethel Smyth (1858-1944); e, em seguida, *Vesti la Giubba*, de I Pagliacci, de Ruggero Leoncavallo (1857-1919).

A ária de Adriana Lecouvreur nos fala também da força da palavra, instrumento a nos aproximar ou nos afastar do outro: é por meio dela, afinal, que nosso mundo interior se revela, falada, cantada, sussurrada. Ou escrita. Cartas revelam o momento em que, sozinhos, enquanto escrevemos, acessamos nosso interior em uma mensagem endereçada a um interlocutor distante, a quem desejamos tornar próximo.

É o que faz a jovem Tatiana, na famosa cena da ópera de Piotr Tchaikovsky (1840-1893), em que, durante a noite, imersa em sua fantasia, decide se escreve ou não uma mensagem declarando seu amor a Eugene Onegin.

L'invitation au voyage Convite a uma viagem

Henri Duparc, poema de Charles Baudelaire

Minha menina, minha amada,
Pense na delícia
De irmos viver juntos lá longe!
Amar à vontade
Amar e morrer
Em uma terra que é como você!
Os sois úmidos
Desses céus nebulosos
Para minha alma tem os encantos
Tão misteriosos
Dos seus olhos traiçoeiros,
Brilhando através das lágrimas.

Lá, tudo é ordem e beleza,
Luxo, calma e volúpia.

Veja nesses canais
Dormirem esses navios
De espírito errante;
É para satisfazer
O seu menor desejo
Que eles vêm do fim do mundo.
Os sóis poentes
Revestem os campos
Os canais, a cidade inteira,
De violeta e ouro
O mundo adormece
Numa luz cálida.

Lá tudo é ordem e beleza
Luxo, calma e volúpia.

Il flotte dans l'air Flutua no ar

Alberto Nepomuceno,, poema de Henri Jules Piazza, tradução de Décio Pignatari

Flutuam no ar certas cores
Delicadamente matizadas,
Que parecem ser pensamentos
Das flores.

Flutuam no ar canções
De um encanto tão terno e discreto,
Que só a alma pode escutar
Seus sons.

Flutuam no ar perfumes,
Doces como as chamas de um círio,
Puros como beijos de virgem
Mortos...

Flutuam no ar confissões
Tão perturbadoras e cheias de mistérios,
Que a boca prefere calar
Seus anseios.

Flutuam no ar certas dores
Para as quais não há consolo
E que sufocam, sem que se perceba,
Nosso pranto.

Soupir Suspiros

Maurice Ravel, poema de Stéphane Mallarmé

Minh'alma vai em direção à sua, minha doce irmã,
Onde sonhas um outono
de folhas bailando ao vento.
E um filete de águas claras
Surge no céu errante
do seu olhar angelical,
Como num jardim melancólico,
Envolto no azul suave
De um outubro pálido e puro
Refletindo nas águas com seu langor
As folhas que vagam ao vento,
E arrastam o longo raio
de um sol amarelo.

Io son l'umile ancilla
Sou apenas uma humilde serva

Francesco Cilea (Adriana Lecouvreur)

Respiro apenas...
Sou apenas uma humilde serva
do gênio criador.
Ele me dá as palavras
e eu as faço chegar ao coração.
Eu sou o acento do verso.
Um eco do drama humano...
Um frágil instrumento
Vassalo da mão.
Triste; alegre; terrível.
Me chamo: Fidelidade!
Minha voz é um sopro
Que morre a cada manhã.

Oh, it's sweet to be alone
Oh! É doce ficar sozinho!

Libreto de Ethel Smyth e de Edward Shanks

Pierrô:

Oh! É doce ficar sozinho!
Todas as piadas gastas foram ditas,
cambalhotas e contorções feitas,
é doce ficar sozinho nesta clareira tranquila.
O amor substituiu o riso no trono,
essa não é uma tolice tão triste,
porém sou um tolo ao perseguir, de um lugar para
o outro, ora uma piada,
ora a querida melancolia.

Ele se senta nos degraus do tempo.

Pierrô:

Sou um tolo!

Flauta nos bastidores.

Pierrô:

Ao longe, a música soa;
Acho amor e riso coisas tristes e desalentadoras!
Ambos têm asas pesadas e arrastadas,
ambos, ah!
Ambos são rudes!

Levanta-se e gradualmente vai para a esquerda.

Pierrô:

Mas nisso Amor foi bom para mim,
chegou de leve e sem ser chamado,
chegou sem ordem ou pagamento!
O Amor chegou de graça em meu coração,
em meu coração,
está escondido em meu coração!

Recitar!... Vesti la Giubba
Vista a Fantasia

Ruggero Leoncavallo

Atuar! Enquanto estou preso pelo delírio
Não sei mais o que digo e o que faço!
Embora seja preciso que se esforce!
Bah, por acaso és um homem?
Tu és palhaço
Vista a fantasia e pinte a cara
As pessoas pagam, e querem rir

E se arlequim te rouba a colombina
Ria, palhaço, e todos aplaudirão!
Transformas em pantomimas o riso e o pranto
Em uma metamorfose o soluço e a dor
Ria, palhaço, sobre o teu amor destruído
Ria da dor que te envenena o coração!

Cena da Carta

Eugene Onegin, tradução de Irineu Franco Perpetuo

(Tatiana fica muito tempo pensativa, depois se levanta, muito agitada e com expressão decidida no rosto)

TATIANA

(com fervor, força e paixão)

Que eu pereça, porém antes
Em ofuscante esperança,
Evocarei o deleite obscuro,
Conhecerei a volúpia da vida!

Bebo o veneno mágico do desejo!
Os sonhos me perseguem!
Por toda parte ele está diante de mim
Meu fatal tentador!
Por toda parte ele está diante de mim!

(Vai à escrivaninha e se senta, escreve por algum tempo, depois se levanta. Rasga o que escreveu)

Não, não é nada disso! Vou começar de novo!
Ah, o que é que eu tenho? Estou toda ardendo!
Não sei como começar...

(Escreve. Para e relê o que redigiu)

Escrevo-lhe, – o que mais?
Que mais posso dizer?
Agora sei que está a seu dispor
Punir-me com o desprezo!
Se, porém, de minha sorte infeliz,
O senhor tiver uma gota de pena,
Não vai me abandonar.
Primeiro quis ficar em silêncio;
Cria, a minha vergonha,
O senhor jamais conheceria,
Jamais!.. *(deixando a carta de lado)*

Ah, sim, jurei conservar na alma a confissão
da paixão ardente e louca!
Ai de mim! Não tive forças para dominar a própria
alma! Que aconteça o que tiver que acontecer!
Vou me confessar a ele! Força! Vai saber de tudo!

(Escreve)

Por que, por que o senhor nos visitou?
Nas profundezas de um povoado esquecido,
jamais o teria conhecido,
Não teria conhecido o tormento amargo.
A agitação de uma alma inexperiente
Sossegaria com o tempo (como saber?)
Meu coração encontraria um amigo,
Eu seria uma esposa fiel e uma mãe virtuosa...

(Fica imersa em pensamentos. Levanta-se de súbito)

Um outro! Não, eu não daria meu coração
a ninguém mais no mundo!
Foi decidido lá em cima,
É a vontade dos céus: sou tua!
Toda minha vida foi o penhor
Do fiel encontro contigo;
Eu sei: foste-me enviado por Deus
Serás meu guardião até a tumba.

Apareceste em meus sonhos,
Invisível, já eras o meu querido,
Teu olhar miraculoso me afligia,
Tua voz soava na minha alma.
Há tempos ... não, não foi um sonho!
Mal entraste e eu soube na hora...
Fiquei toda aturdida, peguei fogo,
E dizia em pensamento: é ele!
É ele!

Não é verdade? Eu te ouvia...
Não falavas comigo em silêncio,
Quando eu ajudava os pobres,
Ou acalmava com uma oração
A angústia da alma agitada?
E nesse mesmo instante
Não eras tu a querida visão
A cintilar na escuridão profunda
Inclinando-se em silêncio à cabeceira?
Não eras tu que, com deleite e amor,
Me sussurravas palavras de esperança?

*(Aproxima-se da mesa e volta a se sentar para escrever.
Para de escrever, como que imersa em pensamentos.
Com grande sentimento)*

Quem és, o meu anjo da guarda,
ou um pérfido tentador?
Resolve minhas dúvidas.
Talvez tudo isso seja vazio,
O engano de uma alma inexperiente
E o destino seja absolutamente outro...

(Volta a se levantar e caminha, pensativa)

Pois seja! De agora em diante,
entrego-te o meu destino,
Diante de ti derramo lágrimas,
Tua defesa eu imploro,
Imploro!

(Com paixão, forte)

Imagina: estou sozinha aqui!
Ninguém me entende!

(Avança para o proscênio. Com ardor cada vez maior)

Minha razão falha,
e devo perecer em silêncio!
Eu te espero,
Eu te espero! Com apenas uma palavra,
anima o meu coração,
ou interrompe o sonho pesado, ai de mim,
com uma reprovação merecida!

*(Aproxima-se rapidamente da mesa e termina de redigir
a carta, com pressa. Levanta-se e sela a carta)*

Terminei, tenho medo de reler
Morro de vergonha e de medo,
Mas tua honra é minha garantia.
E ousadamente me confio a ela!

*(Tatiana vai até a janela e descerra a cortina. A luz
rapidamente prorrompe no quarto)*

CONCERTOS ITINERANTES

Quarteto de cordas e harpa

ÁVIDOS DE TER, CAMINHAM PELAS RUAS

O recital propõe um olhar para as histórias e vidas com as quais cruzamos cotidianamente nas ruas. É no espaço público que se dá especialmente o encontro com o outro – e é desse espaço e de seus múltiplos significados que falam as obras interpretadas pelo Quarteto Bratya e pela harpista Maíni Moreno.

Quarteto Bratya: Diego Adinolfi,
Felipe Ribeiro, Jonathan Azevedo e
Rodney Silveira

Harpa: Maíni Moreno

12/11, ÀS 10H

PRAÇA DOS NAMORADOS

Av. Saturnino de Brito, 80 - Praia do Canto, Vitória (próximo ao Bob's)

13/11, ÀS 14H

CENTRO DE CONVIVÊNCIA DA TERCEIRA IDADE

R. Arare, 48 - Divino Espírito Santo, Vila Velha

15/11, ÀS 10H

ARCO DA PRAIA DE VILA VELHA

Praia da Costa, Vila Velha

19/11, ÀS 09H

IGREJA MATRIZ DE N. SENHORA DO ROSÁRIO

R. Delmar Duarte - Prainha, Vila Velha

ÓPERA NOS BAIRROS

Ópera em marionetes

ONHEAMA, A INFÂNCIA DE UM GUERREIRO

Compositor: João Guilherme Ripper

Bonecos: Fábio Retti e Fabiana Vasconcelos

17/11, ÀS 10H

ESCOLA VEREADOR LEANDRO ZINGER

Rio Lampe - Zona rural, Ibirapu

20/11, ÀS 13H30

EMEF GUIMARÃES COSTA

Rua Constante Nery, s/n - Carapina Grande, Serra

21/11, ÀS 16H

QUADRA UBIRAJARA FRAGA

Rua Benício Aires de Souza - Praça Nossa Senhora da Penha, Timbuí

22/11, ÀS 16H

EMEF ÉBER LOUZADA

Rua Natalina Daher Carneiro, 815 - Jardim da Penha, Vitória

23/11, ÀS 16H30

QUILOMBO GRAÚNA

Rodovia Safra Marataízes, km 25 - Itapemirim

24/11, ÀS 16H30

QUILOMBO BOA ESPERANÇA E CACIMBINHA

Zona Rural de Presidente Kennedy

PROJETOS SOCIOEDUCATIVOS



VOE - Vitória Ópera Estúdio

O VOE é um programa de formação e aperfeiçoamento profissional para estudantes e profissionais da área de ópera, criado por Livia Sabag e Tarcísio Santório em 2014. Pioneiro no Brasil, foi um dos primeiros programas nacionais intensivos de formação e especialização voltados a artistas do campo operístico.

Suas edições anteriores contaram com a participação de grandes nomes do Brasil e do exterior, como os preparadores vocais e professores de dicção Jocelyn Duek e Fábio Bezutti, os encenadores Marc Verzatt e Livia Sabag, o maestro Gabriel Rhein-Schirato, o cenógrafo Nicolás Boni e os cantores Maria Russo e Fernando Portari.

Neste ano, em julho, foi realizada a 4ª edição do VOE, integrando a programação do 11º Festival de Música Erudita do Espírito Santo. Ao longo de 16 dias de trabalho, os alunos vivenciaram um processo de aulas, ensaios e apresentações da ópera de câmara *Fête Galante*, da compositora inglesa Ethel Smyth, com uma equipe de professores formada pela encenadora Livia Sabag, pelo pianista preparador Fábio Bezutti, pelo maestro Gabriel Rhein-Schirato e pelo jornalista musical João Luiz Sampaio.



Ópera-cional

O Ópera-cional é um projeto de capacitação profissional para pessoas interessadas em atuar nas funções técnicas da produção de espetáculos operísticos. A iniciativa faz parte de uma série de ações promovidas pelo Festival de Música Erudita do Espírito Santo voltadas ao fomento e à formação no campo da música de concerto e da ópera. Suas edições anteriores contaram com a participação do iluminador paulista Fábio Retti e da figurinista capixaba Luza Carvalho.

Em 2023, o Ópera-cional acontece de 18 a 31 de outubro e receberá Helen Ferla para ministrar uma formação intensiva em direção de palco, que acontecerá concomitantemente à preparação do espetáculo de abertura da 11ª edição do Festival.

ARTISTAS



Cristian Budu

Pianista

Brasileiro, filho de romenos, o jovem Cristian Budu desponta como uma nova referência no mundo pianístico. Em 2013, foi o vencedor do Grande Prêmio no renomado Concurso Internacional Clara Haskil, na Suíça, além de ter recebido dois prêmios extras, incluindo o prêmio do público. De acordo com a crítica especializada, esta foi a mais importante conquista por parte de um pianista brasileiro nos últimos 25 anos. Posteriormente, também foi reconhecido com os prêmios Instrumentista do Ano (2017), da APCA, e Melhor Concerto do Ano (2016), no Guia da Folha.

Daniela Gogoni

Cenógrafa

Iniciou sua carreira em 2006 como aderecista e pintora de arte para espetáculos teatrais em São Paulo, após concluir o curso de cenografia e figurinos ministrado por J.C. Serroni, Telumi Helen e Viviane Ramos. Em 2007, participou da Quadrienal de Praga de Cenografia. Foi assistente de direção técnica no Theatro Municipal de São Paulo entre 2014 e 2018, quando assumiu a supervisão técnica do Theatro São Pedro, onde permaneceu até 2021. Em 2019, assinou sua primeira cenografia para ópera na premiada produção de L'italiana in Algeri, dirigida por Livia Sabag. Atualmente, cursa mestrado em Estudos Teatrais na Universidade Autônoma de Barcelona.



David Scardua

Visagista

Natural de Vitória (ES), formou-se em Comunicação Social/Jornalismo e é graduado em Artes Visuais pela UFES, com pós-graduação em Educação Especial. Atuou na Associação de Altas Habilidades e Superdotação (ABAHSD) e Fundação Operartes. Atualmente, é professor de artes no município de Vitória. Aprimorou seus conhecimentos em figurinismo, caracterização e cenografia no Rio de Janeiro e em Cosmetologia na Flórida/Estados Unidos.



Débora Faustino

Soprano

Débora Faustino iniciou 2023 protagonizando Cecí, da ópera O Guarani, de Carlos Gomes, no Theatro Municipal de São Paulo. Debutou em 2013 no Carnegie Hall em Nova York, como solista na peça The Mass of Children, de John Rutter. Em 2018, cantou Modistin em Der Rosenkavalier e foi uma das principais solistas da Missa de Bernstein, regida por Roberto Minczuk no Theatro Municipal de São Paulo. No mesmo ano, esteve na Alemanha, para interpretar Papagena em Die Zauberflöte, e no México, dando vida à personagem Micaëla, em Carmen. Em 2022, Débora ficou em 1º lugar no concurso de canto Zola Amaro, em Porto Alegre, e em 2º no concurso de canto Natércia Lopes, em Vitória. No Theatro São Pedro, em Porto Alegre, interpretou Pamina sob a batuta de Evandro Matté.

Eliane Coelho

Soprano

Diplomou-se na Escola Superior de Música e Teatro de Hannover, para depois seguir uma brilhante carreira internacional. De 1983 a 1991, esteve contratada pela Ópera de Frankfurt e, em seguida, pela Ópera de Viena. Neste prestigioso espaço atuou em numerosos papéis como: Tosca, Butterfly, Turandot, Maria Stuart, Fedora, Salomé, Margherita e Elena (Mefistofele), Elettra (Idomeneo), Lady Macbeth, Leonora (Trovatore), Aida, Desdemona (Otello), Elisabetta (Don Carlo), Abigail (Nabucco). Teve como companheiros de cena Plácido Domingo e José Carreras, entre outros. Seu repertório continua se enriquecendo com novos papéis. Nos últimos anos, abordou com grande êxito Isolda, Brunnhilde, La Gioconda, Lady Macbeth e Kostelnicka, entre outros.



Erika Ribeiro

Pianista

Pianista indicada ao Grammy Latino de 2022, Erika Ribeiro é uma das musicistas mais atuantes no cenário musical brasileiro. Sua musicalidade singular e grande versatilidade levam-na a combinar em sua carreira diversos estilos pianísticos, os quais aborda tanto em sua maneira de tocar quanto nos repertórios que interpreta. Vencedora de 10 concursos nacionais de piano, entre eles o III Concurso Nelson Freire, e premiada em mais de 20, Erika tem se apresentado como solista e camerista nas principais salas de concerto do país, onde realiza com frequência parcerias ao lado de destacados músicos.



Fabiana Vasconcelos

Atriz

Fabiana Vasconcelos Barbosa é atriz e educadora, formada em Interpretação pela ECA/USP. Fundou o Pequeno Teatro do Mundo, no qual participa ativamente na concepção dos projetos, na criação dos espetáculos, na confecção e na manipulação das marionetes, além de ministrar oficinas. Integra a Cia do Tijolo, atuando nos espetáculos Cantata Para um Bastidor de Utopias e Concerto de Ispinho e Fulô. Integrou a Casa Laboratório para as Artes do Teatro, dirigida por Cacá Carvalho. Participou como atriz/manipuladora de bonecos no espetáculo Ramom e Maraó, do grupo Palavra Cantada, com bonecos do Grupo Giramundo. Integrou o grupo de teatro de bonecos Cia. Articularte. Foi professora de teatro na Educação Infantil e no Fundamental I da Escola Viverde. É artista-educadora do projeto Rota das Artes, em que coordena o grupo de teatro.

Fábio Bezutti

Pianista e preparador vocal

Pianista e preparador vocal, se apresentou e lecionou em instituições como Theatro Municipal de São Paulo, Theatro São Pedro, Festival de Inverno de Campos do Jordão, Fundação Clóvis Salgado, Festival de Música Erudita do Espírito Santo, Vitória Ópera Estúdio, Festival Amazonas de Ópera, Festival de Ópera San Luis Potosí (México), Castleton Festival, Crested Butte Music Festival, CoOPERative, Manhattan School of Music, Westminster Choir College e Carnegie Hall (Estados Unidos), Accademia Vocale Lorenzo Malfatti, Florence Voice Seminar e La lingua della Lirica (Itália), L'art du Chant Français (França) e Teatre Municipal de Girona (Espanha).

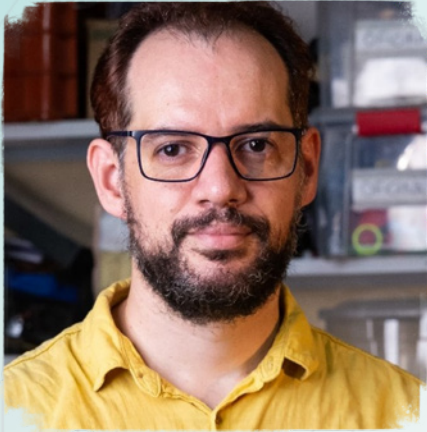


Fábio Namatame

Figurista

Formado em Comunicação e Artes pela FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Recebeu os prêmios APETESP, APCA, Sesc de Teatro SP, Prêmio Shell de Teatro, Prêmio Cultura Inglesa de Teatro, Prêmio Carlos Gomes de Ópera, Festival de Cinema de Paulínia e Prêmio Sesc de Dança de Belo Horizonte.

Desenhou diversos figurinos para teatro, óperas, musicais e espetáculos de dança. Dentre eles, para Joana Dark, Paraíso Perdido, Evangelho Segundo Jesus Cristo (teatro); Bodas de Fígaro, Romeu e Julieta, O Guarani e Faustaff (ópera); My Fair Lady, West Side Story, O Rei e Eu e Evita (musical); Cubo, de Susana Yamauchi; Vem Dançar e Baoba, da Cia. Cisne Negro; Samba, da Cia. Studio 3 (dança) e outros.



Fábio Retti

Designer de iluminação

Iniciou sua formação profissional em 1996 no Centro de Pesquisa Teatral. Em 2005, estreou na cena operística com *Così Fan Tutte*. Desde então, concebeu a luz de mais de 80 títulos do repertório operístico nos principais teatros e festivais da América Latina e Europa. Recebeu o Prêmio Carlos Gomes de ópera, na categoria iluminação, por *Andrea Chenier* e *Rigoletto*. Venceu, ainda, a 20ª edição do Prêmio Shell de Teatro com o espetáculo *O Homem Provisório*, entre outros prêmios e várias indicações.

Filipe Santos

Barítono

Filipe Santos é licenciado em Música com ênfase em canto pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestrando em interpretação pela Universidade de Évora (Portugal). Integra o Coral Lírico de Minas Gerais desde 2022. Possui vasta experiência em festivais de canto pelo Brasil como CIVEBRA e Canto em Trancoso. Tem em seu currículo prêmios como Jovem Músico BDMG 2015, e foi Bolsista pela Chorakademie Lübeck na Eslováquia e Polônia, em 2019, apresentando-se como solista posteriormente no *Stabat Mater* de Dvořák, em 2022, na Summer Academy, em Schlitz (Alemanha). Atuou como Gianni Schicchi (Puccini) na ópera homônima, em 2015, em Brasília, como Públio em *La Clemenza Di Tito* (UFMG, 2019), e Sprecher, em *A Flauta Mágica*, em 2021. Em dezembro de 2022, foi solista na produção “*Viramundo: Uma Ópera Contemporânea*” e atuou como Capitano, do *Barbeiro de Sevilha*, no espetáculo *Viva Ópera*, em julho de 2023, ambos no Palácio das Artes.



Gabriel Rhein-Schirato

Maestro

Gabriel é graduado em piano e regência na Universidade de São Paulo (USP), com especialização e pós-graduação na Alemanha. Nos últimos anos, vem se firmando como um dos profissionais mais importantes do campo da ópera no Brasil, participando em montagens de grandes teatros como o Teatro da Paz, de Belém, e o Palácio das Artes, de Belo Horizonte, além de colaborar com projetos de formação de artistas e com a criação de novas óperas.



Helder Trefzger

Maestro

A tua há mais de 30 anos como maestro titular da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo. Estudou na UFRJ, na UFMG e na UnB e teve aulas complementares com professores do Conservatório de Moscou, Manhattan School of Music e Arts Academy – Istituzione Sinfonica di Roma. É Mestre em Música (Regência – Práticas Interpretativas) e Bacharel em Música – Regência. Já dirigiu, como maestro convidado, algumas das principais orquestras brasileiras e várias orquestras do exterior, em países como Itália, Portugal, Polônia, México, Chile, etc.

Helen Ferla

Assistente de Direção Cênica
e Diretora de Palco

Tendo iniciado carreira como bailarina e contrabaixista, estreou como stage manager e assistente de direção em teatros musicais de projeção nacional, iniciando sua trajetória como diretora de palco de óperas no Theatro Municipal de São Paulo, onde executou dezenas de obras clássicas, como O Rigoletto, O Cavaleiro da Rosa, The Rake's Progress, contemporâneas internacionais, como Prism, e nacionais, como Homens de Papel e Navalha na Carne, trabalhando com os mais renomados diretores cênicos do cenário operístico do país, além de outras produções artísticas.



Homero Velho

Barítono

O barítono Homero Velho dedica-se ao canto lírico desde os 18 anos. Estudou na renomada Universidade de Indiana, em Bloomington, nos Estados Unidos, onde participou de diversas montagens, interpretando papéis principais como Fígaro, em The Ghosts of Versailles (Corigliano), e Don Giovanni (Mozart). Foi, ainda, artista residente da National Opera Company. De volta ao Brasil, Homero rapidamente se estabeleceu como um dos artistas mais requisitados da cena lírica nacional. Homero Velho é, também, professor de canto na UFRJ e doutor em música pela UNESP.



Isabela Mestriner

Soprano

Formou-se no curso de Música da Universidade de São Paulo. Foi solista em diversas montagens de óperas e concertos pelo Brasil e, em 2015, recebeu o seu primeiro prêmio, Jovem Voz Revelação, no VIII Concurso Carlos Gomes Estímulo para Cantores Líricos.

Fez sua estreia internacional como solista soprano da Petite Messe Solennelle (Rossini), em 2019, quando participou de uma série de concertos em Luxemburgo. Em 2020, foi premiada no Concurso Linus Lerner e, em 2022, foi finalista nos concursos de canto Zola Amaro para Cantoras Líricas, em Porto Alegre (RS), e Natércia Lopes, em Vitória (ES).

Desenvolve continuamente sua carreira no canto lírico realizando óperas, concertos, festivais e concursos no Brasil e exterior.

Isabella Luchi

Soprano

Formada com honras no conservatório americano Cleveland Institute of Music, a capixaba Isabella Luchi iniciou seus estudos na FAMES e, desde então, apresentou-se em cinco países. Em 2022, conquistou, em sua categoria, o 1º lugar no concurso de canto James Toland Vocal Arts e o 3º lugar no Concurso Natércia Lopes. Estreou o papel de Flora em A Procura da Flor (André Mehmari), com direção de Livia Sabag e Gabriel Rhein-Schirato. Em 2023, teve seu debut como solista nos principais teatros de São Paulo — Theatro São Pedro e Theatro Municipal. Isabella realiza sua preparação vocal com Elaine Boniolo.



Julianna Santos

Diretora cênica

Graduada pela UFRJ, atua como diretora cênica nos principais teatros de ópera do país, como o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o de São Paulo, e Theatro São Pedro, além do Festival Amazonas de Ópera, onde dirigiu a premiada ópera Alma, de Claudio Santoro (Revista Concerto - 2019).

Durante quatro anos, foi diretora cênica residente no Theatro Municipal de São Paulo, onde assinou a direção de remontagem das óperas La Boheme e Cavalleria Rusticana. Colaborou na remontagem da ópera Faust, de Gounod, no Teatro Municipal do Chile. Em 2012, visitou por cinco semanas a Opera Company of Philadelphia, trabalhando em coprodução com o Festival Amazonas de Ópera. Em 2023, assina a produção das óperas Carmen, Bizet, Piedade, Ripper e Cosi Fan Tutte.



Laura Duarte

Soprano

Mestra em Música pela UNICAMP, formada pelo Ópera Estúdio da EMESP e pelo Ópera Estúdio do Theatro Municipal de São Paulo. Seu repertório operístico inclui a Carmina Burana, de C. Orff, O Morcego (J Strauss), Les Plaisirs de Versailles (M. A. Charpentier) e Il Viaggio a Reims (G. Rossini), além de vasto repertório de concertos e música de câmara. Em 2015, interpretou Louisa em As Bodas no Monastério, do Russo S. Prokofiev, no Theatro São Pedro, sob direção de André dos Santos e Bruno Berger-Gorski. Em 2017, cantou as Bachianas Brasileiras nº 5 de Villa-Lobos com a OSM, sob direção de Roberto Minczuk, e interpretou a primeira-dama na montagem da ópera A Flauta Mágica, sob direção cênica de André Heller Lopes, ambos no Theatro Municipal de São Paulo. Em 2018, foi vencedora do segundo prêmio feminino no concurso Festival Callas, em São Paulo. Entre 2018 e 2019, foi swing no musical O Fantasma da Ópera.

Lorena Pires

Soprano

Capixaba, a soprano e pesquisadora de 23 anos cursa o bacharelado em Canto pela FAMES, sob a orientação do baixo-barítono Lício Bruno. Aos 19 anos, estreou profissionalmente como membro do ensemble de La Fille Du Régiment e como solista na Missa Brevis Pastoral em G, de Mozart. Em 2021, interpretou a Zweite Dame numa montagem em formato de concerto da ópera Die Zauberflöte. Em 2023, sagrou-se campeã, na categoria 18 a 25 anos, no 2º Concurso de Canto Natércia Lopes, em Vitória. Atuou ativamente em masterclasses com cantores renomados da cena lírica brasileira e internacional, como Atalla Ayan, Adriane Queiroz, Kismara Pezzati e Luciana Bueno.



Lucas Melo

Tenor

Natural de Recife, foi aluno da professora Amarilis de Rebuá. Já tendo interpretado papéis de ópera como Tamino, em A Flauta Mágica, de Mozart, foi debutante em óperas em 2012. Já interpretou papéis como Cãnio (Pagliaci), Turiddu (Cavalleria Rusticana) e também atuou nas óperas pernambucanas do Maestro José Siqueira e Euclides Fonsêca: A Compadecida, em que fez Padre João, Il Maledetto, interpretando CAIN, e Leonor, em que interpretou Padre Antônio. Também foi premiado nos Concursos Maria Callas, Carlos Gomes, Linus Lerner, Bixiga Canta/Festival Orquestra do Bexiga e Concurso de Canto Natércia Lopes.



Maíni Moreno

Harpista

Formada pelo Conservatório de Tatuí, iniciou seus estudos aos sete anos de idade, tendo como professora a harpista Liuba Klevtsova. Com apenas seis meses de estudo, apresentou-se pela primeira vez como solista à frente da Orquestra José dos Santos, do Conservatório de Tatuí, sob a regência do Professor Vinícius Trisólio. Foi vencedora do Concurso Interno de Harpa do Conservatório de Tatuí. Graduiu-se em música pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e integra, atualmente, o mestrado em Música (PROMUS) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participou de importantes festivais como Festival de Campos do Jordão, Festival Internacional Sesc de Música, Festival de Santa Catarina e Festival Música nas Montanhas.

Marcus Siqueira

Compositor

Compositor mineiro de Caratinga, detentor de inúmeros prêmios de composição no Brasil. Possui mais de 200 obras em diversas formações. Compôs mais de 40 trilhas musicais para o cinema e teatro. No Brasil, as orquestras OSESP, OSN, OFMG, OSUSP, OSRTC, OSUFRJ, OSU e OSES estrearam algumas de suas obras. Suas músicas, livros e ensaios estão publicados pelas editoras Universal Edition (Viena - Áustria), WIPedizioni (Bari - Itália), DaVinci (Osaka - Japão), Osesp Editora, Lumme Editor, Selo SESC, Selo Água-Forte e Selo Paulus, entre outros.



Natércia Lopes

Soprano

Cantora lírica capixaba de maior expressão. Bacharel em História pela UFES e Canto pela EMES, Natércia Lopes aperfeiçoou-se no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Na Itália, estudou no Teatro Alla Scala, em Milão, com os renomados maestros Romano Gandolfi, Carlo Camerini e Otello Borgonovo. Em Siena, estudou na Accademia Chigiana com o prestigiado maestro Giorgio Favaretto. Cantou na Polônia, França e Portugal. No Brasil, cantou em alguns dos principais teatros brasileiros, como o Theatro Municipal de São Paulo, a Sala Cecília Meireles, o Palácio das Artes e o Teatro Guaíra. Foi diretora da FAMES e coordenadora de Cultura da UFES. Atuou como diretora artística do Festival de Música Erudita do Espírito Santo de 2014 a 2021. Em 2021, foi imortalizada pela Academia de Música do Brasil.



Orquestra Jovem Vale Música

Um dos grupos mais tradicionais do Projeto Vale Música Espírito Santo, a Orquestra Jovem Vale Música conta com 26 integrantes de 14 a 26 anos e já realizou concertos em homenagem aos 50 anos de carreira de Milton Nascimento (2013), uma homenagem a Ivan Lins, com a participação do cantor e do pianista Gilson Peranzetta (2015), e o concerto dedicado aos 80 anos de Roberto Menescal (2016). Participa anualmente de festivais de música, como o Festival de Música Erudita do Espírito Santo e o Festival de Inverno de Domingos Martins.



Orquestra Sinfônica do Espírito Santo

A Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES), considerada uma das mais relevantes organizações culturais do Estado, nasceu em 1977, originalmente como Orquestra de Câmara do Espírito Santo.

Então formada por músicos da Banda de Música da Polícia Militar do Espírito Santo, professores e alunos da então Escola de Música do Espírito Santo (atual Faculdade de Música do Espírito Santo), reunia nomes de destaque, como o casal Alceu e Vera Camargo, pioneiros na formação de músicos de cordas. Após um breve período como orquestra clássica, tornou-se filarmônica, até se firmar como Orquestra Sinfônica do Espírito Santo.

Ao longo de suas mais de quatro décadas de atividades, passaram pela orquestra os regentes Víctor Marques Diniz, Jaceguay Lins, Wenceslau Moreira, Mário Candiani, Leonardo Bruno e Leonardo David. Desde 1992, a OSES é dirigida pelo maestro titular Helder Trefzger.



Priscila Aquino

Mezzo Soprano

É bacharela em Canto pela FAMES e qualificada em Artes Cênicas pela FAFI. Em 2017, integrou o Opera Studio do Theatro Municipal de São Paulo. Seu repertório operístico inclui obras como Dorabella, em *Così Fan Tutte* (Mozart), Aspirina, em *O Reino de Duas Cabeças* (Jaceguay Lins), Missis Kneebone, em *A Dinner Engagement* (Lennox Berkeley), e Merenciana, em *O Dileitante* (Ripper). Foi solista de obras como *Messiah* (Händel), *Requiem* (Mozart), *Magnificat* (Villa-Lobos), *Stabat Mater* (Dvořák) e *Missa Clássica* (Rauta). Atua como regente de coral na Ação Música na Rede e preparadora vocal no Algazarra Coral.

Priscila Bomfim

Pianista

Além de seu reconhecido trabalho como pianista, Priscila tem desenvolvido ampla carreira como regente, realizando concertos com as principais orquestras sinfônicas do país, como a Orquestra Sinfônica Brasileira – OSB (RJ), Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA (RS), Academia de Ópera do Theatro São Pedro (SP), Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP) e Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES). É regente da OSJ Chiquinha Gonzaga, orquestra formada por alunas da rede pública do Rio de Janeiro. Em 2023, tem na agenda as óperas *Cendrillon* (Pauline Viardot), *Eugene Onegin* (Tchaikovsky) e *O Sonho de Edgar* (Adriano Pinheiro), além de diversos concertos sinfônicos. Priscila foi gentilmente cedida pelo Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde trabalha há longos anos nas suas produções.



Quarteto Bratya

Criado em 2019 no II Festival SESI de Música Clássica em Vitória (ES), o Quarteto Bratya tem em seu repertório obras de célebres compositores como Haydn, Mozart, L.Van Beethoven, F. Mendelssohn, A. Dvořák, Carlos Gomes, Villa-Lobos, Piazzolla e A. Borodin, dentre outros, além de repertórios populares e didáticos.

O grupo já participou de festivais de música e ópera, concertos em teatros e igrejas, gravações e lives, tendo como objetivo principal levar a arte da música ao público com excelência e qualidade.

O quarteto é formado pelos músicos: Diego Adinolfi (Violino 1), Felipe Ribeiro (Violino 2), Rodney Silveira (Viola) e Jonathan Azevedo (Cello).



Rafael Siano

Barítono

Rafael Siano já participou de diversos musicais teatrais e óperas. Em 2017, estreou como protagonista em Gianni Schicchi (Puccini) e conquistou três prêmios no Primeiro Festival de Ópera de Goiânia. Em 2018, foi agraciado com o prêmio de Melhor Voz Masculina no XI Concurso Estímulo para Cantores Líricos (Concurso Carlos Gomes), em Campinas (SP). Recentemente, interpretou papéis importantes em Os 7 Pecados Capitais e Viva La Mamma, além de ter estrelado Fígaro Lá, na Sala São Paulo, O Basculho de Chaminé (Marcos Portugal), em Ouro Preto, e Auto da Compadecida – A Ópera, obra inédita de Tim Rescala.

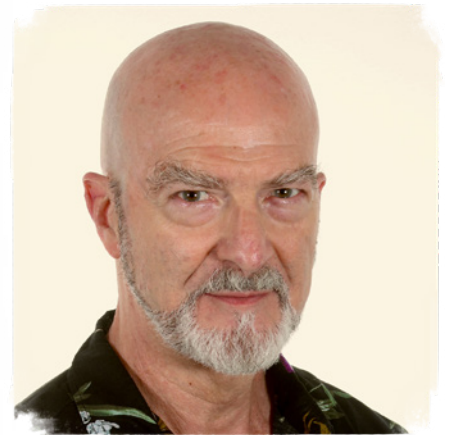
Stephen Bronk

Baixo Barítono

Formou-se em música e canto no Conservatório de Música de Colônia (Alemanha), aperfeiçoando-se com Herbert Mayer, em Nova York (Estados Unidos). Com mais de 42 anos de palco, cantou nos principais teatros do Brasil, Europa, Estados Unidos, Taiwan e China.

Seu repertório operístico inclui papéis principais em óperas de Mozart, Beethoven, Weber, Bizet, Offenbach, Rossini, Gomes, Verdi, Puccini, Strauss e Wagner, entre muitos outros. Tem repertório de oratórios, missas e cantatas, que vão do clássico ao moderno.

Em 2006, foi ganhador do Prêmio Carlos Gomes de Música Erudita, como destaque “vocal masculino”. Desde 2008, é solista integrante da Deutsche Oper Berlin (Alemanha).



Ursula Dart

Direção de fotografia

Ursula Dart é sócia da Ladart Filmes, empresa produtora de audiovisual independente, sediada em Vitória (ES). Com experiência de 20 anos como produtora executiva de filmes de curta e longa metragens, além de obras seriadas, Ursula é também diretora de fotografia, atuando em projetos experimentais, documentários e ficções. Formada em Direito pela UFES, se especializou em Documentário de Criação pela Universidade Autônoma de Barcelona e é mestra em Comunicação e Territorialidades (UFES). Atua, ainda, na curadoria de Festivais e Mostras de Cinema, além de ministrar oficinas sobre temas relacionados à realização audiovisual.



Ury Vieira

Trompista

Trompista baiana, soteropolitana, travesti, não binarie, transfeminina, é bacharel em Trompa pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e desde 2020 atua como Trompista na Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES).

Veronica Stigger

Dramaturga

Veronica Stigger é escritora, crítica de arte, curadora independente e professora universitária. Entre seus 12 livros de ficção publicados, estão *Opisanie świata* (2013), *Sul* (2016) e *Sombrio ermo turvo* (2019). Com *Opisanie świata*, seu primeiro romance, recebeu os prêmios Machado de Assis, São Paulo (autor estreante), e Açorianos (narrativa longa). Com *Sul*, angariou o Prêmio Jabuti. Com *Sombrio ermo turvo*, por sua vez, foi finalista dos prêmios Jabuti, Oceanos, AGEs e Minuano. No teatro, assinou a dramaturgia da peça *¡Salta!*, do Coletivo Teatro Dodecafônico, em 2013, e as adaptações de *Macunaíma: uma rapsódia musical*, com direção de Bia Lessa e o grupo Barca dos Corações Partidos, em 2019, e *Um teto todo seu*, com direção de Márcia Abujamra, em 2023.



Vinícius Cestari

Tenor

Vinícius Cestari é tenor, bacharel em Música com habilitação em Canto pela UNICAMP na classe do Prof. Angelo José Fernandes. Junto ao Ópera Estúdio da UNICAMP, atuou como solista nas montagens de *A Moreninha* (E. Mahle), *Gianni Schicchi* (G. Puccini) e *Die Fledermaus* (J. Strauss II), e como coralista em *L'Elisir d'Amore* (G. Donizetti), *Die Zauberflöte* (W. A. Mozart) e *La Traviata* (G. Verdi) com a Orquestra Sinfônica da UNICAMP, sob regência de Cinthia Alirethi. Atualmente, é membro da Academia de Ópera do Theatro São Pedro (SP) e participou da 4ª edição do VOE (Vitória Ópera Estúdio).

FICHA TÉCNICA DO FESTIVAL

Produção:

Produtora Executiva: Júlia Silva

Produtor Logística: Fabio Prieto

Produtor Operacional: André Estefson

Produtora Itinerantes: Rafaella
Vagmaker

Assistente de Produção: Morgana
Santório

Fotógrafo site e catálogo: Vitor Braga

Comunicação:

Assessor de Imprensa: Sérgio Fogaça

Analista de Comunicação: Érika Piskac

Fotógrafos: Lorenzo Savernini (Plateia) e
Fábio Prieto (Bastidores)

Edição de textos e layout:

Casa Azul Conteúdo e Design
para Sustentabilidade

Ana Paula Lopes, Claienny Viana,
Lucas Stefanini, Inez de Oliveira,
Mariana Menezes, Marcela Millan

Sonorização:

Produtor técnico: David Carlos

Produtor técnico: Ronald Igidio

Microfonação: Ipanema

Transmissão Audiovisual:

Direção de fotografia: Ursula Dart

Assistente musical e direção de corte:
Belquior Guerrero

Operação de câmera: Alex Viana, Nuno
Perim, Tati Franklin, William Rubim

Eletricista e Maquinaria: Carlos Leite
(Chacal)

Produção de set: Leandra Moreira

Transmissão ao vivo: Ladart Filmes

AGRADECIMENTOS

Governo Federal

Ministério da Cultura
Lei Rouanet

Governo do Estado do Espírito Santo:

Renato Casagrande – Governador

Secretaria de Estado da Cultura

Fabricio Noronha – Secretário de Estado
Carolina Ruas – Subsecretária de Estado da Cultura
Joemar Bruno Zagoto – Subsecretário de Estado de Gestão Administrativa
Maria Thereza Bosi – Subsecretária de Estado de Fomento e Incentivo à Cultura

Casa da Música Sônia Cabral

COES – Cia. de Ópera do Espírito Santo

OSES – Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo

Shell

Instituto Cultural Vale

Fecomercio ES

Sesc

Hotel SENAC Ilha do Boi

Baluarte

Amigos e Familiares:

Ana Maria Sabbag
Eliane Coelho
Eurico Ferreira
Eva Nogueira
Fábio Bezutti
Gabriel Rhein-Schirato
Guilhermina Lopes
Helder Trefzger
Helena Nielsen
Irineu Franco Perpetuo
João Manuel Farias de Oliveira
Juan Pedro Sabbag Salazar
Marco Antônio da Silva Ramos
Morgana Santório
Marcus Siqueira
Museu da Música Portuguesa (Conceição Correia)
Nathália Kato Giordano
Rainer Nielsen
Susana Cecília Igayra
Tânia Silva
Vera Maria Gatto Bijos
Victor Braga
Volnei dos Santos

Equipe Técnica e Artística da COES, OSES e Festival

Equipe Técnica e Artística Sesc e da Casa da Música Sônia Cabral

Patrocínio Master:

Patrocinador Ouro:



Produção:

Apoio institucional:



Correalização:



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



Realização:



MINISTÉRIO DA CULTURA

